



Depois de Cristo alguns anos
existia um ancião,
esse tinha um filho único
o qual chamava-se João,
que sempre ia de encontro
à cristã religião.

.....
João da Cruz lhe perguntou:
“Quem és que aí te conservas?
Que campo é este, tão feio
que nele não tem nem relvas?”
Respondeu: “Isto é um reino,
e eu sou o príncipe das trevas.”
E seguiu João da Cruz
e o tal do príncipe na frente.
Passaram por um salão
muito escuro e muito quente:
João da Cruz repugnava
aquilo amargamente.

.....
João Sem Medo foi um príncipe,
duma coragem sobrada.
Viajou por muitos bosques,
lutou com coisa encantada,
brigou, desencantou reino,
sem nunca temer a nada.

.....
Ali pensava ele muito
no sonho que tinha tido,
pensava mais na mulher
que lhe tinha aparecido
e quando ele sonhava
já a mãe tinha morrido.

.....

Onde o carvalho pisou,
nas bancadas do jardim,
nascia pés de brilhantes,
com as folhas de marfim,
com as pétalas de ouro
e as folhas de rubim.

.....
Quando o rei abriu a porta,
João olhando para dentro
viu um coreto sublime
que ficava bem no centro.
Disse no sonho: “Eu, ateu,
ali já vê que não entro.”

.....
Então pegou o que tinha,
deu de esmola aos desgraçados
e disse: “Vou para os montes,
ver se purgo meus pecados,
para ver se um dia sou
um dos bem-aventurados.”

.....
Satanás ficou convulso,
esvaindo-se em furor.
A alma rendia graças
na presença do Senhor,
rendendo graças ao anjo,
o seu grande defensor.

Trechos dos três romances citados além e que fazem parte do romanceiro popular do Nordeste.





O *Auto de João da Cruz* pode ser montado sem cenários, com um cenário único — o que talvez seja melhor — ou com seis cenários, que representem a casa de João da Cruz, com o presépio armado, a encruzilhada sertaneja, um aposento do inferno, o jardim em que João se entregava ao esquecimento, a gruta no deserto sertanejo e o aposento do paraíso, em que se dá o julgamento. Tudo isso, porém, fica a critério do ensaiador e do cenógrafo, sugerindo-se que a simultaneidade talvez seja o caminho mais aconselhável para montar a peça. No caso de se montar a peça com um cenário único, poderá ele ser dividido em três partes, representando, a da direita, a casa de João, com o presépio; a do centro, a encruzilhada, com cactos; e a terceira, a entrada da gruta. Com algumas modificações cênicas facilmente removíveis, pode a casa de João representar o aposento do céu, o que teria ainda a vantagem de sugerir as ligações entre o Peregrino e Deus Pai, entre Regina e a Virgem, se bem que ambos não se tratem de símbolos, mas de personagens. A encruzilhada, com os cactos, com uma escadaria, por exemplo, pode representar o jardim. A entrada da gruta, com um trono, pode figurar, perfeitamente, a entrada do inferno. Se fosse possível dotar cada uma destas partes de cortinas, seria ótimo, pois o Guia as iria fechando e abrindo, de acordo com o desenrolar da peça, o que é bom, como movimentação cênica, para integrar a narração na ação da peça. Aliás, as falas do Guia sugerem muita coisa sobre a encenação, dando, ao mesmo tempo, grande liberdade ao encenador e ao cenógrafo e servindo de apelo à imaginação do público, no caso de se adotar uma encenação mais simplificada. Quando tais falas se referirem à encenação, isto é, quando não forem falas do Guia como personagem da peça, mas como diretor do espetáculo, tem o encenador autorização para cortá-las ou adaptá-las à montagem, sob a condição de indicar detalhadamente esse fato no programa. Ordinariamente elas coincidem com o início de cada jornada, em número de seis, duas para cada ato: dão assim continuidade ao espetáculo, que pode ser montado em um só tempo ou não.

Forneceram elementos para a trama do auto os romances populares nordestinos *História de João da Cruz*, *História do Príncipe do Reino do Barro Branco e a Princesa do Reino do Vai-não-Torna* e *O Príncipe João Sem Medo e a Princesa da Ilha dos Diamantes*, dos quais são autores ou divulgadores, respectivamente, Leandro Gomes de Barros, Severino Milanez da Silva e Francisco Sales Areda, poetas populares do Nordeste.

GUIA — Respeitável público! Dentro de alguns instantes, evocaremos aqui o céu, a terra e o inferno. Coisas de tão alta importância serão entretanto exibidas no palco em duas horas. O destino e as fronteiras do homem mostrados ao público sem subterfúgios, num apelo à sua imaginação. O partido de Deus e o partido do diabo, devidamente simplificados, para compreensão e edificação de todos. O meu partido é o do mundo, aliado de um dos outros dois, como hão de ver daqui a pouco, pois desempenho dois papéis. Primeiro, o de guia do espetáculo, o que farei quando falar daqui. Depois, o de guia do cego, o que terá lugar daqui para lá, que é o lugar da ação. Assim, quando eu falar a vocês daqui, estarei somente dirigindo o espetáculo. Quando eu passar para cá, estarei tomando parte da ação, como guia do cego que aí vem.

Entra o CEGO, tateando, falando depressa.

CEGO — Uma esmola, uma esmola, uma esmola! Guia!

GUIA — Aqui estou.

CEGO — Onde está o rapaz? É preciso tentá-lo, levá-lo à danação. Vamos lá, vamos lá, vamos lá!

GUIA — Calma, é aqui. Temos que esperar um pouco.

CEGO — Não posso, não posso nem quero. A ele, a ele, a ele!

GUIA — Estou tão impaciente quanto você. Mas é preciso esperar que João da Cruz se entregue por si mesmo em nossas mãos. Fique descansado, pois sua vitória também será a minha. Hei de lutar por ela enquanto puder.

Para mim, é a terra antes de tudo.

Quero que o céu se curve para as árvores
e do mundo se torne semelhante.

Que não brilhe outra luz que não terrena,
que a danação é turva e chamejante.

E que com a terra os homens se contentem,
com ela que recebe o sangue e os corpos,
a mãe comum das aves e rebanhos.

Que as casas sejam terra levantada
e os homens nada mais que sangue e barro,
grandes urnas de barro e sangue estranho.

CEGO — Pois não me deixe. Você será meu guia e eu o ajudarei sempre em sua empresa.

Pois quando o céu ao mundo se curvar,

ficará muito próximo do inferno,

meu trono de vigília e de lamento.

O mundo, a carne e logo a luz do inferno,
onde jazem meu reino e meu tormento.

GUIA — João da Cruz! João da Cruz! Ó João da Cruz!

CEGO — É preciso esperar.

Eu o tentarei de dentro da cegueira

que cobre meus dois olhos e que nasce

da cegueira interior, bem mais profunda.

GUIA

Que a primeira cortina se desvele:

eis a casa de João, cena e começo.
Que venha a tempestade: nós já vamos,
em busca da partilha e de seu preço.

Raios e trovões. Desaparecem, tendo o GUIA descerrado a cortina que mostra a sala da casa de JOÃO DA CRUZ, com o presépio. As indicações cênicas são dadas na peça como se o cenário único fosse adotado, mas tudo isso fica a critério do encenador e do cenógrafo, conforme já se acentuou. REGINA entra cantando.

REGINA

Boa noite, meus senhores todos
e as senhoras deste lugar.
Vim trazer alegria,
levar dinheiro
que o vigário me mandou cobrar. *(Entra a Mãe.)*

Mãe — Regina!

REGINA

Meus irmãos, alegria no Natal.
Passou-se mais um ano em nossa vida:
o ano foi de seca e virão outras,
o sol, a sede e o tempo do frutal,
a chuva e novamente o tempo seco.
Mas noite de Natal é de alegria:
alegria, meu povo, que é Natal!

Onde está João da Cruz?

Mãe — Você veio vê-lo?

REGINA — Vim. Queria lhe pregar esta alegria que sinto hoje e que me deixa tão contente.

MÃE — Agradeço a lembrança que você teve. Mas não sei...

REGINA — Não sabe o quê? Se João da Cruz também me quer?

MÃE — Não digo isso. Mas não sei se ele quer recebê-la, pelo menos.

REGINA — Talvez não, é tão difícil saber o que João quer! Mas como hoje é o dia do aniversário dele, talvez...

MÃE — É verdade, você não se esqueceu. Faz vinte anos que João da Cruz nasceu, numa noite de Natal. Era um ano seco, como este. O pai construiu este presépio para comemorar-lhe os vinte anos. João da Cruz não sabe, aproveitei a ausência dele e armei-o.

REGINA — A ausência dele? João está fora?

MÃE — Está na tenda, trabalhando. Fez questão de ir, sem necessidade, só para me dar desgosto. Se ao menos o pai dele estivesse aqui...

REGINA — Onde andará por estas horas?

MÃE — Só Deus sabe. Deus cuida de tudo, há de cuidar também do carpinteiro.

REGINA — Ele não marcou o dia de voltar?

MÃE — Não. Meu marido procura na pobreza a verdade dos que andam pelo mundo. Quando a encontrar, virá. Você entende?

REGINA — Não sei.

MÃE — Nem eu. Mas é o que ele diz.

REGINA — E você?

MÃE — Eu o quê?

REGINA — O que é que acha disso tudo?

MÃE — O que é que eu posso fazer? O jeito é concordar.

REGINA — *(Abraçando-a.)* E ainda encontra coragem para achar graça?

MÃE — É melhor. Qualquer coisa que se faça no mundo, olhada por um certo lado, tem sua graça. Até os loucos. A loucura é a coisa mais triste que já vi, mas mesmo nela o povo acha graça.

REGINA — É verdade.

MÃE — E não deixa de ser engraçado, isso. Um homem que se larga de mundo afora, deixando mulher e filho agarrados no trabalho, para procurar a verdade dos que andam pelo mundo. *(Riem, juntas. Entra João DA CRUZ com um saco de ferramentas ao ombro.)*

JOÃO — Que risadas são essas? Por que essa alegria sem motivo?

MÃE — Calma, João. Há motivo para ela.

JOÃO — Que motivo? Qual é? Morreu algum parente rico nosso? Herdei alguma coisa?

MÃE — Não, mas hoje você completa vinte anos...

REGINA — E é noite de Natal.

JOÃO — Completo vinte anos e é noite de Natal: e então? Que foi que eu já ganhei com tudo isso? Sou sempre João da Cruz, que nada tem, nascido carpinteiro e desejando possuir o mundo.

REGINA — E enquanto não o possui, não lhe agrada o presépio? Foi seu pai que o construiu, peça por peça. Sua mãe armou-o, enquanto você trabalhava.

JOÃO — Um presépio? Noutra casa, talvez valesse alguma coisa. Aqui é somente madeira que vai ser preciso desmanchar.

MÃE — Foi seu pai que o deixou!

JOÃO — Antes tivesse deixado dinheiro.

MÃE — Você não sabe o que diz. Que é que você faria com dinheiro?

JOÃO — Se há uma coisa para a qual não há dificuldade, gastar dinheiro é uma. Mas quem sabe? Talvez eu o quisesse somente para sair daqui e procurar aquilo que desejo.

MÃE — Tudo o que você viesse a encontrar não valeria nada. Pelo menos comparado com aquilo que eu e seu pai tivemos e que havemos de guardar até depois da morte.

JOÃO — Até depois da morte? E existe alguma coisa que se guarde tanto tempo?

REGINA — Existe.

JOÃO — O que é?

REGINA — Um dia você saberá sem que eu lhe diga.

JOÃO — Pois enquanto não sei me deixe em paz.

MÃE — *(Baixo, a João.)* João!

JOÃO — Que é?

MÃE — Não fale assim. Regina é uma boa moça.

JOÃO — Mas reza muito.

MÃE — Ela nos tem muita amizade.

JOÃO — Terá muito mais quando eu for rico. Não é verdade, Regina?

REGINA — O quê?

JOÃO — Que você será mais amiga nossa quando eu for rico?

REGINA — Não sei, acho que não, João. Estou aqui por causa do Natal.

JOÃO — Muito bonito, mas é mentira. Você veio pedir dinheiro para a Igreja.

REGINA — É verdade. Você sabia? Quem lhe disse?

JOÃO — O padre, quando passei de volta pela casa dele.

REGINA — E você dá? Qualquer coisa serve. Quanto dá?

JOÃO — Nada.

REGINA — Por quê?

JOÃO — Porque não.

REGINA — Deus é seu amigo.

JOÃO — Pois nunca me demonstrou.

REGINA — Por que você diz isso?

JOÃO — Porque é verdade.

REGINA — Então não dá?

JOÃO — Não.

Sai a MÃE, em atitude de tristeza.

REGINA — Viu como sua mãe saiu? Por que você diz essas coisas?

JOÃO — Porque sinto essas coisas. Meu destino estava traçado desde que nasci, com a plaina na mão, trabalhando dia e noite na madeira.

REGINA — É um trabalho tão bonito.

JOÃO — Para quem olha de fora.

REGINA — É ele quem lhe dá casa, cama e comida.

JOÃO — A casa é pobre, a cama é dura e a comida é pouca.

REGINA — Mas bastariam para a felicidade.

JOÃO — Isso é o que os ricos vivem dizendo, com medo de perderem as deles. Você não tem vergonha de falar assim? Detesto você quando a vejo com essas coisas!

REGINA — Que coisas?

JOÃO — Com essa falsa mansidão, com essa covardia. Você é pobre como eu. Lute, revolte-se! Senão aparece sempre um insolente para montar no seu pescoço.

REGINA — É verdade, mas parece que não nasci para isso. Desculpe.

JOÃO — Não, você é quem deve desculpar. E que direito tenho eu de reclamar, se também não faço nada? A única coisa em que levo vantagem sobre você é que não caio nas conversas do padre. Para que ele queria o dinheiro?

REGINA — Para os festejos do Natal. Vai-se armar um navio enorme na praça, para se representar a marujada.

JOÃO — E você vai cantar?

REGINA — Vou.

JOÃO — Como pastora?

REGINA — Não, como Nossa Senhora. Meu canto é tão bonito!

Fala de um rio seco e de outro cheio,
fala de um barco enorme, claro e belo,
que navega nos campos e na serra.
Um navio de prata, sono e bronze,
onde, ao som de trombetas sem memória,
a morte nos recebe em pleno peito,
com seu canto, clarim de nova terra.

JOÃO — Mas é de prata mesmo esse navio?

REGINA — Qual?

JOÃO — Esse que o padre está armando na praça.

REGINA — Ah, não, esse é de madeira. Estou falando do navio de que o meu canto fala. É um romance antigo, cheio de coisas bonitas, que não existem. O navio é uma delas.

JOÃO — Então não interessa, pode ficar com ele. E eu, que já estava sonhando, enquanto você falava!

REGINA — Sonhando? Com quê?

JOÃO — Nem eu mesmo sei. Acho que era com um barco diferente, alguma coisa capaz de me dar poder, que me abrisse as portas para um mundo novo, em que eu não fosse carpinteiro.

REGINA — Mas não despreze assim o meu. Com ele se descobre um mundo novo.

JOÃO — Ah, já estou cansado desses mundos novos que vocês vivem prometendo e que nunca se encontram. Aqui hei de ficar eternamente. Para onde poderia ir João da Cruz? Se veio me exortar para a alegria e fazer pregação, pode voltar. Nossa conversa é inútil. A não ser que me traga uma encomenda, tem alguma? Se tem, diga o que é. Não posso me dar ao luxo de ficar sem trabalhar, como vocês. Mas se não tem, me deixe. Quero ficar só. Que alegria posso ter na vida? Sonhar com o poder do mundo inteiro e ter apenas, para conquistá-lo, os ferros que meu pai abandonou!

REGINA — Está bem, eu vou. Adeus.

JOÃO — Adeus. O padre deve estar esperando: dê lembrança a ele.

Sai REGINA.

JOÃO

Ó terra em que nasci, como livrar-me?
Quero deixá-la e a casa de meus pais.
Mas como começar essa conquista
do mundo poderoso que adivinho?
Como sair das grades do meu nome?
Ó casa de meus pais! Tão velha e pobre,
mas com sua madeira e com seus ferros
é feita de cadeias de diamante!
Mandar na manjedoura! Eu quero é o mundo
com tudo o que ele dá, glória e poder,
com o que ele tem de grande e agonizante.
Fique-se aí, presépio de madeira.
Ou volte, mas só volte transformado
num grande barco de ouro e prata fina,
conquista do tremendo e do profundo.
Mas barco de verdade! Eu montarei
no mais alto dos mastros de granito
e partirei a conquistar o mundo.

Sai. Trovões e relâmpagos. É conveniente dotar o presépio de uma pequena cortina que será cerrada por JOÃO ao sair, para dar a entender que tal fato favoreceu a entrada do CEGO e do GUIA, que vêm logo após os raios.

CEGO — É este, é este, é este?

GUIA — É.

CEGO — Em breve ele estará em nossas mãos.

GUIA

Está completamente fascinado:
quer as coisas que a terra pode dar.
Não a terra das flores e das árvores,
dos roçados, dos rios e da serra,
do flavo mel, do milho e do espinheiro,
mas a terra que dá glória e poder.
As mulheres, o mundo, a carne... Tudo
aquilo que deslumbra o carpinteiro.

CEGO

Por mim, eu esmagaria aquele cão!
Assaltaria com meus olhos cegos
a própria fonte que lhe dá visão!
Sim, a fonte das águas, dessas águas
vivas, sim, dessa fonte, as águas vivas.

GUIA — Já ouvi! Diabo de uma mania de dizer tudo três vezes!

CEGO

Eu o deixaria cego no crepúsculo,
no poente, na tarde e até na noite,

com seu punhal de luz da madrugada.

GUIA — É cedo, é muito cedo para o ataque. Aqui na casa há forças que o defendem. A qualquer hora abrem a cortina do presépio e teremos que voltar para nossos domínios.

CEGO

Você, à terra escura e sempre triste.
Eu, para o inferno, rei do meu tormento.

GUIA — Tentemos então tirá-lo de sua casa. No mundo, teremos mais liberdade e a vitória será muito mais fácil.

CEGO — *(Temeroso.)* Irmão, sinto que vem alguém se aproximando. Vem alguém para cá. Quem vem lá? Você, que pode ver, me diga quem vem lá! Quem vem lá, quem vem lá, quem vem lá?

GUIA — *(Impaciente.)*

Não sei, não sei, não sei! Mas também sinto.
Sinto que vem alguém se aproximando.
Você, que tem poderes para as trevas,
que governa potências infernais,
não deixe que essa luz venha até cá!

Toque de sino, luz azul.

CEGO

Irmão, irmão! Não deixe que eu me perca
na luz que vem chegando! Irmão! Irmão!

Trovões. Desaparecem. Sino. Entra o PEREGRINO, com túnica e bordão.

PEREGRINO

Seja bendito o pão que Deus nos dá
e a terra, as águas, frutos e rebanhos.
Seja bendita a chuva benfazeja
e a seca que dizima as plantações.
A relva muda, e as árvores e as pedras,
todas as coisas cantam, tudo canta.
A terra castigada se resseca
sob o sopro do vento solitário,
mas tudo vive e morre na vontade
daquele cuja glória o céu proclama.
Sejam benditas todas as estrelas
que boiam sobre o rio e dançam n'água.
Mas agora que chego, mais que tudo
a alegria de tudo se apodera:
meu sangue entoa o canto do regresso
à casa em que há repouso e que me espera.

Entra JOÃO DA CRUZ.

JOÃO — Que é que está fazendo em minha casa, meu senhor?

PEREGRINO — Louvava a Deus, que manda em todos nós e que em troca de pouco nos dá tudo.

JOÃO — Pois se já louvou, despache-se e pode seguir seu caminho.

PEREGRINO — É cedo ainda.

JOÃO — Que é que você quer aqui?

PEREGRINO — Nada.

JOÃO — Tem não, não tem isso aqui não. Madeira, ferramenta, tem. Nada, não. Vá bater noutra porta.

PEREGRINO — Noutra porta?

JOÃO — Sim.

PEREGRINO — O que é que você guarda ali atrás daquela?

JOÃO — De qual?

PEREGRINO — Daquela, ali.

JOÃO — Nada.

PEREGRINO — Então embrulhe um pouco dele e me dê. Está vendo? Também sei conversar assim, quando quero. Comigo você tem o que aprender. Sou capaz de louvar a Deus por toda a noite.

JOÃO — Mas não aqui. É tarde para isso. Estou cansado e preciso dormir.

PEREGRINO — Já? Na noite de Natal?

JOÃO — Já, o que é que tem isso?

PEREGRINO — Nada, mas todo mundo fica acordado no Natal. Afinal de contas é o aniversário de Nosso Senhor.

JOÃO — Eu não me importo com o meu, vou ligar o dos outros! Era o que faltava!

PEREGRINO — É mesmo? Você não se importa nada com o seu?

JOÃO — E então? Também faço anos hoje e cheguei do trabalho agora mesmo.

PEREGRINO — Então é hoje seu aniversário... GANHOU algum presente de seu pai?

JOÃO — Agora, quando voltei da tenda, minha mãe me mostrou este presépio que meu pai construiu e guardaram para mim até agora. Ele era carpinteiro como eu.

PEREGRINO — Morreu?

JOÃO — Não.

PEREGRINO — E por que você diz “guardaram para mim” e que ele “era carpinteiro” como você?

JOÃO — Homem, ele está vivo, mas para mim é mesmo que já fosse defunto. Anda por aí, solto no mundo, desde que me entendo de gente.

PEREGRINO — Está no cangaço?

JOÃO — Não, solto no mundo.

PEREGRINO — Em procura de quê? Fazendo o quê?

JOÃO — Eu sei lá! Pergunte a ele, se o encontrar um dia. Talvez isso aconteça, o senhor é peregrino... Para onde se bota?

PEREGRINO — Vou ao Canindé, talvez, pagar uma promessa que devo há muito tempo.

JOÃO — Pois se encontrar meu pai, nessas andanças, diga a ele que João da Cruz, em vez de presépio, preferia que ele tivesse deixado prata. Que João vive apertado na casa que lhe deram, que a comida passa na garganta dele à força. Ah, não ter dinheiro! Mesmo que não fosse muito, o que desse para eu sair de casa e começar a conquistar o mundo!

PEREGRINO — E você já examinou bem o presépio?

JOÃO — Para quê? É de madeira e de madeira eu já estou cheio, sabe?

PEREGRINO — Neste presépio, como em tudo mais, é preciso ter olhos para ver. Há coisas que se escondem na madeira. *(Tira um saquinho de moedas do presépio.)* Olhe lá: é dinheiro. Certamente seu pai estava pensando em você, quando o deixou.

JOÃO — Meu Deus, estou sonhando! É dinheiro mesmo?

PEREGRINO — É. Se era o que você queria, está aí.

Entra a MÃE e vai correr para o PEREGRINO, mas este faz-lhe sinal, por trás de JOÃO, para que ela se contenha.

JOÃO — Ah, meu pai, este sim é presente que se dê! Ó liberdade, agora o mundo é meu!

Sai correndo com o dinheiro. A MÃE abraça o PEREGRINO.

PEREGRINO — Estou de volta, mulher.

MÃE — Mas meu filho vai embora!

PEREGRINO — Eu sei. Sua ida é inevitável. É preciso que ele aprenda sozinho o que tem de aprender.

MÃE — Tenho medo das coisas deste mundo, dos males que talvez venham a lhe acontecer. Sinto tanto medo!

PEREGRINO — É melhor do que sentir desprezo, coisa que talvez lhe acontecesse se ele ficasse.

MÃE — Mas é tão moço ainda!

PEREGRINO — É mais do que você pensa. Você vai ver, ele vai sair fugido.

MÃE — É possível?

PEREGRINO — É, você vai ver. Mas farei por ele o que me for possível. Eu o seguirei, mas de longe, sem que ele saiba que é meu filho.

MÃE — Você o seguirá? Vai me deixar sozinha novamente?

PEREGRINO — É preciso. Você é corajosa, pode ficar só. Eu voltarei logo e ele vai precisar de mim.

MÃE — Você é quem sabe. Mas não se pode fazer nada para impedir que ele saia?

PEREGRINO — Não.

MÃE — Então, já que é assim, é melhor me conformar. Vou arrumar a roupa dele.

PEREGRINO — Não, deixe que ele faça tudo só. A ida só serve a ele assim. Tenha coragem.

MÃE — É que de repente eu começo a me sentir cansada e velha, uma velha completamente inútil.

PEREGRINO — Eu sei, também estou começando a me sentir assim. Me abrace. Assim eu posso ajudá-la e você me ajudará também. Vamos.

Saem abraçados. Do presépio saem dois anjos. Um é o ANJO DA GUARDA de JOÃO DA CRUZ. O outro traz uma viola nas costas, a tiracolo.

ANJO DA GUARDA — Nem tudo está perdido nesta casa. A noite está bonita e o pai voltou.

ANJO CANTADOR — Que providências você vai tomar? João vai embora.

ANJO DA GUARDA — E eu com ele. Minha obrigação é segui-lo até o fim do mundo, se for preciso.

ANJO CANTADOR — Mas ele mesmo é que cria dificuldades para sua guarda, chamando o cego e o guia para perto dele.

ANJO DA GUARDA — O fato é que, apesar de tudo, João ainda está aqui. Se ele fugir, o pai cuidará dele e o mesmo farei eu. Se João da Cruz não me expulsar de seu lado pensadamente, tentarei ajudá-lo em sua busca.

ANJO CANTADOR — É preciso tomar cuidado com aqueles dois. Farão tudo para desgraçar João.

ANJO DA GUARDA — Lá vem ele, vamos voltar ao presépio.

Entram no presépio. JOÃO DA CRUZ entra cautelosamente, de matolão às costas.

JOÃO — Enfim, a liberdade! O mundo é meu. Meu presépio já deu o que podia: recolha-se ao silêncio que eu me vou. *(Fecha a cortina do presépio. Um raio e surge o GUIA.)*

GUIA — Meus parabéns, príncipe, grande príncipe sem medo!

JOÃO — Quem é você?

GUIA — Sou seu amigo.

JOÃO — E eu sou o Príncipe sem Medo?

GUIA — Ainda não, mas há de ser em pouco tempo. A questão é coragem. Vá embora, vá!

JOÃO — Devo ir?

GUIA — É claro, e logo. Seus pais vão querer prendê-lo aqui de qualquer forma. Vá, vá logo! *(Trovão. Desaparece.)*

JOÃO

Que vi? Que ouvi? Fantasma ou ser humano?
A questão é coragem. Vou-me embora.

Entretanto o desejo se debate
aprisionado pelo coração.
Serei somente um mero carpinteiro?
Meus pais querem prender-me. Ah, isso não!
A questão é coragem e eu a tenho.
Adeus casa, meus ferros, meu trabalho!
Com meu dinheiro, posso começar
e o mundo há de ser meu. Adeus, meu chão!

Sai. Trovões e raios. O GUIA cruza a cena, guiando o CEGO, ambos com trouxas às costas, penduradas em bordões, como a de JOÃO. Seguem os passos deste e saem. Entram o PEREGRINO e a MÃE, despedindo-se.

MÃE — Adeus, cuide bem dele. E cuide de você.

PEREGRINO — Adeus. Não tenha cuidado, eu volto logo.

Abraça-a e segue os passo de JOÃO. A MÃE, só, abre a cortina do presépio e chora, olhando-o. Dentro do presépio, com ela de costas, o ANJO DA GUARDA abraça o ANJO CANTADOR, numa imitação do que aconteceu antes. Salta para fora, também de matolão às costas, e segue na mesma direção. O GUIA então aparece no proscênio, ou noutro lugar qualquer que lhe tenha sido designado pelo encenador, para as suas falas como diretor do espetáculo. Ele cerra a cortina que vela a casa de JOÃO. Imediatamente, JOÃO há de aparecer em algum lugar, representando um falso andar, no ritmo da fala do GUIA.

GUIA — Assim, sai João da Cruz de sua casa. Podemos vê-lo ali, enquanto se encaminha, cada vez para mais longe. Andou, andou, andou, adiantou-se daqueles que o seguiam, andou, andou, andou, e agora está para chegar à encruzilhada que podem ver aqui representada. *(Desvela a cortina da*

segunda parte, com cactos.) Enquanto ele se senta para descansar e novamente recomençar a caminhada, vou esperá-lo nesta encruzilhada. Cego! Cego! Cego do diabo! (Trovão. Aparece o CEGO com o GUIA já no lugar da ação.)

GUIA

Este lugar é bom para nós dois.
Aqui dormem raízes poderosas
emanadas da terra e dos infernos.

CEGO

As estradas se cruzam, conduzindo
os retirantes para várias terras.
Meus olhos, mesmo cegos e sem brilho,
pressentem direções desconhecidas.

GUIA

Em breve há de chegar o viajante
que escolherá na terra um nome novo.

CEGO — Deixe-me só com ele um instante, depois que ele chegar!

GUIA — Por quê? Quero também a minha parte!

CEGO — Muita coisa de João já lhe pertence, amigo. Deixe-me levá-lo um pouco para as suaves chamas em que minha alma sofre e se adormece! Deixe, deixe, deixe!

GUIA — Tenho medo de que você o assuste, mostrando-lhe esse fogo que o abrasa.

CEGO — Serei manso. Sou cego e ele é valente. Mas depois que chegar no meu reinado, eu o tornarei cego na sombra e cego para as chamas. Sem ver, ele

não terá medo. Eu saberei me chegar a João da Cruz, a João da Cruz, a João da Cruz!

GUIA — Está bem. Mas cuidado! Não o assuste.

CEGO — E você? Para onde vai, enquanto a tentação estende as asas sobre João da Cruz?

GUIA

Vou à Espinhara. A terra lá me chama!
Sinto um calor de terra requeimada:
a seca vai cobrir todo o sertão.
Ó terra seca, ó reino meu, ó morte!
De onde virão as forças que governam
estes altos de sol, de pedra e chão?

Trovão. O GUIA desaparece. JOÃO passa do andar falso ao verdadeiro e chega à encruzilhada.

JOÃO — *(Saudando.)* Louvado seja...

CEGO — *(Num grito.)* João da Cruz, silêncio!

JOÃO — Que é isso? Vai-se chegando, você vem logo com um grito desses!

CEGO — Desculpe, você me assustou e gritei. Peço que me desculpe.

JOÃO — E você sabe meu nome. Como pode ser isso, se eu nunca o vi?

CEGO — Ah, João da Cruz é famoso em todo o sertão! Contaram-me que você vinha por aí e eu o reconheci logo.

João — Como, se você é cego?

Cego — Ah, reconheci-o pela energia da voz, que mostra logo um vencedor.

João — Por que não me deixou terminar a saudação que ia dirigindo a você?

Cego — Porque achei que a um rapaz que tem suas qualidades não fica bem louvar quem quer que seja.

João — Talvez você tenha razão, quem sabe? Então já me conhecem por aqui!

Cego — E então? Fala-se muito por aqui na sua coragem. Você conquistará o mundo, João da Cruz!

João — Esta é minha esperança mais secreta. Hei de conquistar o mundo e tudo o que ele pode dar.

Cego — Acredito, mas a conquista do mundo é uma coisa tão estranha, João. Que fará você para realizá-la?

João

Sonho com barcos, balas, tempestades,
com a prata das raízes do luar,
com pedras e florestas incendiadas,
brilhando com seu fogo sobre as águas.
E sonho sobretudo com esse fogo
que se despenha do alto das estrelas,
sobre meu corpo e dentro do meu sangue.

Cego — É um belo sonho, um sonho grandioso, um sonho à altura daquele que você há de ser um dia. Mas para realizá-lo é preciso muita coisa.

JOÃO — Eu tenho a mocidade e a coragem.

CEGO — E tem dinheiro?

JOÃO — Tenho o necessário.

CEGO — Onde vem sua tropa de animais?

JOÃO — Que animais?

CEGO — Os que trazem seu dinheiro.

JOÃO — Meu dinheiro está aqui.

CEGO — Todo?

JOÃO — Todo.

CEGO — E você pode com seu peso? *(Ri.)* Então volte para casa, volte, volte logo, João da Cruz!

JOÃO — *(Enraivecido.)* De que está rindo? Você é cego, mas não vou deixar por isso que você zombe de mim!

CEGO — Não, não se zangue. Não me ri por sua causa, mas sim de nós que não podemos, nem de longe, ter um sonho como o seu.

JOÃO — E é? Você não pode sonhar? Por que não pode?

CEGO — Que consegue a cegueira com seus olhos? O que é que um velho cego pode ainda desejar do mundo? E no entanto eu podia mandar ainda em

tanta coisa!

JOÃO — Como é? Você pode mandar e se recusa?

CEGO — É verdade.

JOÃO — Não acredito. Explique como é.

CEGO — Não há ninguém aí?

JOÃO — Não, estamos sós.

CEGO — O que eu vou lhe dizer é segredo, é coisa que fica entre nós dois.

JOÃO — Pode falar, não há ninguém aqui.

CEGO — Eu tenho a chave.

JOÃO — Que chave?

CEGO — A chave que abre a porta.

JOÃO — Que porta, homem de Deus?

CEGO — Homem de Deus, o quê? Não gosto que me chame assim.

JOÃO — Todo mundo diz isso, é um modo de falar.

CEGO — Mas é um modo de falar grosseiro e cheio de impaciência.

JOÃO — Eu retiro o que disse. Que porta é essa a que você se referiu?

CEGO — A porta atrás da qual está o barco.

JOÃO — O barco?

CEGO — Sim, o barco de seu sonho. O barco de cujo mastro feito de diamante você verá o mundo. Dentro dele existem riquezas, sobre as quais você poderia construir seu templo de vitória e de poder.

JOÃO — Você tem essa chave?

CEGO — Tenho.

JOÃO — E como é que está aí, pobre, sem nada, com essa roupa toda esfarrapada?

CEGO — Já lhe disse: o cego nada quer do mundo. Além disso, a coragem necessária para essas coisas só existe nos moços como você.

JOÃO — Você também foi moço.

CEGO — É verdade. Mas no tempo em que a prata sem brilho da cegueira não nublava a coragem de meus olhos eu não tinha essa chave. Quando a recebi, já era tarde.

JOÃO — E a chave?

CEGO — O que é que tem?

JOÃO — Você a guardou até agora?

Cego — Guardei-a. É a única riqueza que me resta nos dias de velhice.

João — Ai, meu cego, me dê esse tesouro!

Cego — Em troca de quê?

João — Eu lhe darei todo o dinheiro que tenho comigo.

Cego — É pouco.

João — É pouco?

Cego — É muito pouco, João da Cruz.

João — Eu lhe darei mais, quando vencer.

Cego — Que garantias eu teria disso?

João — Minha palavra.

Cego — É pouco, é muito pouco, João da Cruz.

João — Me diga então o que você quer em troca da chave.

Cego — Direi depois, é cedo ainda. Você tem coragem?

João — Tenho, duvida disso?

Cego — Não.

JOÃO — Então fale.

CEGO — *(Ao som de um tambor surdo e fatal.)* Vou falar, escute:

Existe um reino, duro para os olhos,
a que os homens repelem por instinto.
Somente lá a chave ser-lhe-á dada.
Tem coragem de ver a chama escura
penetrar no seu sangue, no seu corpo,
até chegar às últimas moradas
onde o diamante guarda a fonte e as águas?

JOÃO

Não sei. Todo o meu corpo está tremendo.
Sua expressão é estranha e malfazeja.

CEGO

Pois saiba logo que não vencerá.
Você não será rei. Volte à madeira.
Volte à madeira, João, volte pra casa
que seu lugar é lá e não aqui.

JOÃO

Não, não me deixe! Eu já estou melhor.
Foi somente um instante, já passou.
Que terei eu em troca da coragem
de enfrentar esse mundo condenado?

CEGO

Lá, João da Cruz, você terá tesouros,
tesouros com que nem você sonhou:
fontes de bronze, pedras, ouro puro,
tudo aquilo, afinal, que se deseja
e que canta em você no sonho escuro.

JOÃO

E a riqueza e o poder? Terei meu barco?

CEGO

Terá tudo o que quer e mais ainda.

JOÃO — Pois vamos.

CEGO — Está perfeitamente decidido? Você só me serve de completo acordo, João. Você é livre, só vai se quiser.

JOÃO — Quero, já resolvi. Quero vencer e se o caminho é este, eu o seguirei.
Adeus pobreza, adeus ferro e madeira, adeus ofício que meu pai me deu!
Podemos ir!

CEGO — Iremos, João da Cruz. Guia, meu guia! Retire João da casa dos mortais!

Aqui o GUIA fechará a cortina da encruzilhada e abrirá a da gruta, com o trono do CEGO, em momento a ser escolhido pelo encenador. Enquanto isso, o CEGO invoca os poderes infernais para que os conduzam ao aposento já preparado.

CEGO

Ó poder do meu fogo, abra esta porta!
Venham, asas de fogo dos demônios!
Conduzam-nos às plagas infernais!

Raios e trovões. As luzes se apagam. Quando se acendem, JOÃO DA CRUZ está deitado no chão, desmaiado; o CEGO, sentado num trono, diante da gruta, que agora é a entrada do inferno, com um manto

vermelho sobre a roupa esfarrapada e um cetro em forma de serpente na mão. Ao lado do trono, o GUIA, também com manto vermelho. Se o encenador quiser, poderá acrescentar a esta cena dois demônios, que falarão em coro com o GUIA, na qualidade de auxiliares do CEGO.

GUIA

O corpo continua adormecido.
Seu sono viaja ainda pelos campos
que percorreu até chegar aqui.

CEGO (*Irônico.*)

Não fale agora, deixe João dormir.
Quando for tempo ele despertará.

GUIA

Está acordando. Acorde, acorde, João!

JOÃO

Estou num mar de fogo sonolento.

GUIA

Atravesse esse mar. Venha depressa!
Desperte para a rubra escuridão.

CEGO

É tempo de acordar!

CEGO e GUIA

Acorde, João!
Acorde, João, acorde! Acorde, João!

JOÃO — *(Erguendo-se.)* Você? Onde é o reino? E a minha chave?

CEGO — O reino é este, mas você não suportaria as chamas imortais que brotam dele. Por isso mandei separar este aposento, onde terá lugar nossa entrevista decisiva.

JOÃO — Espere! Sua vista está mudada. Você não era cego?

CEGO — Sim, mas só lá no seu mundo, onde uma cruz feriu minha visão. Aqui, sou rei.

JOÃO — É rei?

CEGO — Sou quase rei. Existe um maior do que eu, que nos governa. Eu sou um dos seus príncipes maiores.

JOÃO — Onde está meu barco? Onde está a chave de que você falou?

CEGO — Por trás daquela arcada estão o barco e a chave com que você há de triunfar. Mas você deve vir aqui mais duas vezes: de cada vez terá de me fazer uma dádiva diferente. Em troca, receberá três dons, cada um dos quais mais cheio de poder do que o anterior.

JOÃO — Quais são os dons? E quais são as dádivas que tenho de fazer em troca deles?

CEGO — Primeiro, os dons. Depois direi quais são as dádivas que você tem de fazer.

JOÃO — Fale então. Quais são os dons?

CEGO — O primeiro é a chave de ouro e prata. *(Bate palmas e o GUIA entra na gruta, de onde volta com uma bandeja, onde brilha uma enorme chave. Ouvem-se toques de tambor.)*

GUIA

Ó chave poderosa, que abre a porta
à vitória, ao poder, à carne, ao mundo!
Passe o poder ao carpinteiro João!
Penetre no seu corpo até o sangue,
onde mora seu nome de batismo
e destrua esse nome. Em troca dele,
que João tenha o poder da chama escura,
da coroa, do trono e do bastão.

JOÃO — Meu corpo está tremendo novamente.

CEGO — Agora é tarde, João, você já escolheu. Por que preferiu vir? Quer a chave ou não quer? Decida logo!

JOÃO — Qual é a dádiva que preciso fazer em troca dela?

CEGO — É possível? Não entendeu ainda, carpinteiro? Renuncie a seu nome e em troca dele eu lhe darei a chave do poder. Renuncie a seu nome e a todas as forças que moram nele! Renuncie até mesmo à pessoa que ele lhe impôs um dia. Renuncie com seu sangue e com sua alma. E receba essa chave se puder. Nem todos podem.

JOÃO — Renunciarei ao nome e à força que ele tem. Mas quero provar antes se a chave tem, na verdade, a força que você diz.

CEGO — Você voltará ao mundo e lá poderá ver se eu lhe menti.

JOÃO — Então me entregue a chave.

CEGO e GUIA — *(Enquanto a entregam.)* Salve o príncipe sem medo, salve, salve! Receba a chave e dê-nos esse nome que para nada mais lhe servirá! *(Raios e trovões.)*

CEGO — Volte à morada dos mortais! Poderes infernais, levem o rei daqui!

Escuro. De novo a encruzilhada, com JOÃO DA CRUZ desmaiado. O CEGO, em pé, ri com ar zombeteiro.

CEGO — *(Dando-lhe um pontapé.)* Acorde, príncipe! João! Acorde, que seu mundo está à sua espera.

JOÃO — *(Erguendo-se.)* Onde está minha chave?

CEGO — Em seu pescoço, presa a uma corrente.

JOÃO — Mas não se esqueça: só perco meu nome se a chave me der o que eu pedir.

CEGO — Você verá se estou mentindo. O que é que você quer?

JOÃO — Não sei... Assim de repente não sei. Por exemplo: ser como um príncipe, num reino.

CEGO — Pois siga seu caminho. Qualquer impedimento que vá surgindo, você esfregue a chave e ele será vencido facilmente. Adeus!

JOÃO — Já vai embora? Diga-me antes quais são os outros dois presentes a que você se referiu em seu reino.

CEGO — O primeiro, é um cavalo negro mais poderoso do que a chave de ouro. O outro, é o barco com que você sonhava e que há de lhe dar o cetro de seu mundo.

JOÃO — Mas que devo fazer para alcançá-los?

CEGO — Mais tarde saberá. Adeus, meu João! *(Trovão. Desaparece.)*

JOÃO — Renunciar a meu nome: que sentido terá isso? Sinto um tremor por todo o meu corpo. Será que vale a pena? Não deve ser pouca coisa, pois do contrário não me dariam esse tesouro em troca. Mas afinal, esfrego a chave ou não?

O CEGO tem aparecido no limiar enquanto ele fala. Às últimas palavras, empurra o GUIA para dentro. Trovão.

GUIA — Corra, corra, príncipe sem medo! Vem gente ruim à sua procura!

JOÃO — Para quê?

GUIA — Para tomar a chave e impedir que você vença. Corra, corra! *(João pega a sua trouxa e sai correndo.)*

GUIA — Esfregue a chave, João, esfregue a chave! Esfregue mais. Assim! Ninguém o pegará! *(Raio longínquo. Risada do GUIA.)*

GUIA — Ó terra, ó mundo, agora é nossa vez. Procurem se apossar de João Sem Medo para que volte ao barro original!

↓ Trovão. O GUIA desaparece. Luz azul. Entra o ANJO DA GUARDA, correndo, exausto. Senta-se numa pedra ou no chão.

ANJO DA GUARDA

Foi-se o rapaz. Vou ser repreendido.
Quem sabe de que forças se valeu,
de que reino de sombra e confusão?
Será melhor, talvez, me disfarçar
a procurá-lo assim, por entre os homens.
Vou me vestir de frade e procurar
onde anda João da Cruz pelo sertão.

Desembrulha a trouxa e tira um hábito de frade, que veste por cima do manto. Entra o PEREGRINO.

PEREGRINO — A bênção, senhor frade.

ANJO DA GUARDA — Deus o abençoe.

PEREGRINO — O senhor não viu por aqui um rapaz de uns vinte anos, com jeito de quem ia viajando?

ANJO DA GUARDA — Não, não vi. Mas não vá desanimar por isso. Não é impossível achar os que se perdem.

PEREGRINO — Eu sei. Além disso, Deus está lá de cima vendo tudo. Os cavalos rinham e dão coices, mas no fim Deus é sempre quem decide. Um dia eu hei de achar meu filho João.

ANJO DA GUARDA — Meus parabéns, é assim que se fala. Vou ajudar você a procurá-lo.

PEREGRINO — Eu lhe agradeço. Mas por que tanta bondade, assim sem me conhecer?

ANJO DA GUARDA — Eu sou bondoso por obrigação. Sou frade e quero ajudá-lo, não é o que interessa? Aceite minha ajuda e deixe de estar investigando, que isso não bota ninguém para a frente.

PEREGRINO — O senhor tem razão, vamos procurar João da Cruz.

ANJO DA GUARDA — Chama-se assim, ele?

PEREGRINO — Chama-se, era o nome de um santo. Tem uns vinte anos e os olhos brilhantes.

ANJO DA GUARDA — Está bem. Siga por este caminho que eu vou pelo outro. Daqui a um ano voltaremos aqui para ver o resultado que cada um de nós conseguiu. Deus o abençoe. Deus o acompanhe.

Saem. Aqui pode-se terminar o primeiro ato, se se montar a peça com intervalos. Ou pode-se continuá-la com o aparecimento do
GUIA.

GUIA

E assim se separaram. Lá se foram.
Um ano se passou e João perdido:
as buscas não tiveram resultado.
Andaram pelas serras, nos baixios,
onde a água é mais limpa e se retém,
por cidades e vilas esquecidas,
pelos altos desertos do sertão.
Perguntaram por João a todo mundo.
Não tiveram resposta de ninguém.

No próximo ato, terão oportunidade de ver, cada vez mais misturados, os três partidos de que já lhes falei. Agora saio, pois o frade vem ali. E escolho para a volta o mesmo lado que serviu para a vinda, quando

entrei. *(Sai. Entra o ANJO DA GUARDA, cansado, coberto de pó, limpando o suor da testa, e senta-se na pedra.)*

ANJO DA GUARDA — Nada de João. Meu Deus, onde anda João? *(Entra o PEREGRINO.)*

PEREGRINO — Louvado seja Deus, senhor frade, louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

ANJO DA GUARDA — Para sempre seja louvado.

PEREGRINO — Encontrou João da Cruz?

ANJO DA GUARDA — Não. Procurei-o no sertão inteiro. Principalmente pela Espinhara. Não sei por que acho que ele se perdeu por lá. Mas ninguém ouviu falar de João da Cruz.

PEREGRINO — Tenho que lhe dizer a mesma coisa. Nem notícias arranjei de João da Cruz.

ANJO DA GUARDA — E notícia de chuva, trouxe alguma?

PEREGRINO — Não, nenhuma. A seca este ano vai ser terrível. O sertão já está cheio de retirantes. Encontrei alguns que iam em procura da estrada de Patos, para trabalhar como cassacos.

ANJO DA GUARDA — Será que João da Cruz está entre eles? Talvez tenha ido também procurar trabalho na estrada.

PEREGRINO — Não sei, penso que não. Perguntei a muita gente, mas ninguém soube dar notícia.

ANJO DA GUARDA — Aí vem um. Talvez conheça João ou saiba dar alguma notícia a seu respeito. *(Entra o RETIRANTE.)*

RETIRANTE — Louvado seja Deus.

ANJO DA GUARDA e PEREGRINO — Louvado seja.

RETIRANTE — Qual é a estrada que vai para o lado do mar?

PEREGRINO — É esta. Mas que é que você vai fazer tão longe do sertão?

RETIRANTE — Sei não. Todos estão indo, eu vou também. Na minha terra é que eu não podia mais ficar. Quando chover, eu volto.

ANJO DA GUARDA — Ah, então está fugindo da seca.

RETIRANTE — É, a seca está grande. Tem muita fome no sertão. Mas estou fugindo ainda de coisa muito pior.

ANJO DA GUARDA — De que é?

RETIRANTE — Do novo reino.

PEREGRINO — Do novo reino? O que é isso?

RETIRANTE — Homem, para falar a verdade, não sei lhe dizer. Mas sei que é um negócio muito perigoso. Vou ver se passo no Caldeirão para o beato me abençoar. Assim, pode ser que eu escape.

ANJO DA GUARDA — Mas escape de quê, homem de Deus?

RETIRANTE — Do novo reino.

ANJO DA GUARDA — Mas o que é isso?

RETIRANTE — Não sei. Mas sei que ele existe.

PEREGRINO — Existe em que lugar? É no sertão?

RETIRANTE

Não sei, acho que não. Acho que sim.
É em qualquer lugar que ele entender:
nos muros arruinados, nas estradas,
nas cercas de braúna dos currais,
nas raízes das árvores, na pedra,
nas balas prateadas dos fuzis,
na água da chuva e até no sol da seca.
Seu rei é um grande príncipe sem medo,
o mais cruel de todos os mortais.

ANJO DA GUARDA — Há qualquer coisa podre nesse reino.

PEREGRINO — E onde vive esse príncipe?

RETIRANTE — Não sei. É um homem rico e poderoso, que governa poderes infernais. As mulheres correm para ele. Tem não sei quantas, e os homens têm mais medo dele do que do diabo.

ANJO DA GUARDA — Você saiu há muito tempo do seu roçado?

RETIRANTE — Muito. Moro muito longe.

PEREGRINO — E vem se retirando só?

RETIRANTE — Não, andei com muitos outros por essas estradas.

PEREGRINO — E não ouviu falar de um rapaz chamado João da Cruz?

RETIRANTE — João da Cruz?

PEREGRINO — Sim, um rapaz de uns vinte anos, de olhos escuros, muito brilhantes.

RETIRANTE — Não, não me lembro de nenhum rapaz chamado João da Cruz. O único João de que eu ouvi falar foi de João Sem Medo, mas ele é bem mais velho e quanto mais longe dele, melhor.

PEREGRINO — Está certo. Muito obrigado, mesmo assim.

RETIRANTE — De nada. Adeus, amigo. Cuidado com o príncipe sem medo. Ele aparece sempre nos lugares onde menos se espera. Eu, por segurança, só vivo esperando: assim, pode ser que ele não venha. A bênção, senhor frade.

ANJO DA GUARDA — Deus o abençoe. Boa viagem para você e volte logo.

RETIRANTE — Amém. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

PEREGRINO e ANJO DA GUARDA — Para sempre seja louvado. *(Sai o RETIRANTE.)*

PEREGRINO — Parece que nós nos perdemos para sempre de João.

ANJO DA GUARDA — Que é isso? Está desanimado?

PEREGRINO — Não, enquanto tiver sua ajuda, terei coragem. Confio mais no senhor do que em mim mesmo.

ANJO DA GUARDA — Por quê?

PEREGRINO — Primeiro, porque o senhor é frade, depois porque eu sou pai de João e não posso ficar de cabeça fria, vendo-o perdido. Mas quanto trabalho o senhor está tendo, por minha causa!

ANJO DA GUARDA — Nada, já estou acostumado, minha profissão é essa. O que me preocupa é que pressinto certas coisas a respeito de João.

PEREGRINO — Terá morrido?

ANJO DA GUARDA — Ah, isso não.

PEREGRINO — O senhor fala com tanta certeza. Por que diz isso?

ANJO DA GUARDA — Eu teria sabido na certa. É alguma coisa que não conhecemos, do contrário eu o teria achado.

PEREGRINO — E o príncipe sem medo?

ANJO DA GUARDA — Que é que tem ele?

PEREGRINO — O que é que o senhor acha? Existe mesmo?

ANJO DA GUARDA — É possível, não sei. Só vendo. (*Entra o RETIRANTE correndo.*)

RETIRANTE — Ai, meu Deus! Me acuda, senhor frade!

ANJO DA GUARDA — O que é isso? O que é isso?

RETIRANTE — O príncipe sem medo. Vem aí!

PEREGRINO — Mas você não disse que só vivia esperando e que assim ele não aparecia?

RETIRANTE — Pois foi por isso mesmo. Eu me convenci demais, aí ele apareceu.

ANJO DA GUARDA — Mas como é que você sabe?

RETIRANTE — Vi os batedores que andam sempre na frente dele. Corra, senhor frade!

ANJO DA GUARDA — Eu não, eu fico.

RETIRANTE — Então seja feliz, porque eu vou. Corram, corram! Ai meu Deus, o príncipe sem medo! *(Sai correndo. Ouvem-se, fora, pancadas de tambor.)*

ANJO DA GUARDA — Um pressentimento escuro está assaltando a fonte de minha razão celestial.

PEREGRINO — De sua razão celestial?

ANJO DA GUARDA — Não, que nada. Razão celestial, a gente às vezes diz cada coisa! Tenho uma ideia. Saia, que eu vou me esconder aqui. Quero ver esse príncipe sem medo.

PEREGRINO — Talvez seja melhor que eu fique. Não quero deixá-lo só aqui, pode lhe acontecer alguma coisa.

ANJO DA GUARDA — Que nada, estou com minha cruz aqui. Ela me defenderá.
Saia, saia logo.

O PEREGRINO sai e o ANJO DA GUARDA se esconde. Entram o CEGO e o GUIA, mascarados, com as fisionomias despersonalizadas, iguais. Cada um traz um tambor, que faz soar monotonamente.

CEGO e GUIA

Novo reino de treva e tempestade,
de terra, de cegueira e de poder!
Raízes, sombra, águas escuras, sangue
lutando contra a morte, a sede e a fome.
Em tudo isso manda João Sem Medo,
o príncipe do caos e da discórdia.
Ele é o canto mortal da própria força
que conquistou à custa de seu nome.
Afastem-se, mortais, que é João Sem Medo,
mandante dos que mandam nesta terra.
Que se levantem muros de silêncio!
Que se faça o deserto e trema a serra!
Que o barco se refaz de popa a proa
à chegada do grande João Sem Medo
que estende mais e mais sua coroa!

Os dois saem, rufando os tambores, cujo som continuará fora. Um toque de clarim e entra o príncipe João Sem Medo, magnificamente vestido e com o rosto coberto. Depois de lançar olhares desconfiados para todos os lados, tira o véu. É JOÃO DA CRUZ, com o rosto envelhecido e angustiado. o CEGO e o GUIA vêm para o limiar e, sem que JOÃO os aviste, tiram as máscaras e ficam a zombar dele, enquanto fala. Estão sem os tambores.

JOÃO

Um ano se passou e a chave de ouro
me deu todo o poder que eu desejava.
Mas, com esse poder, deu-me também
a visão de um poder sempre maior,
que meu sangue queria e se afastava!
Ah, sede de poder sempre crescente!
Este meu nome é um cravo de diamante
voltado contra mim, contra meu sangue.
Mas este se debate no passado:
é como se eu tivesse tido um outro.
Mas que me importam nomes do passado?
Cresçam, meus sonhos de poder! Arrastem-me
com vocês para dentro desse fogo!
E que o cego fatal que me dotou
com a turva coroa de meu sangue
venha ao lugar em que me entronizou
e em que se oculta a força de seu jogo.

*Esfrega a chave que traz ao pescoço. Raios e trovões. A cena
escurece e, quando volta a luz, o CEGO e o GUIA estão diante de JOÃO.*

GUIA

Ah, o príncipe João, que não tem medo!
Como se foi de reino? Mandou muito?

CEGO

Então? Teve ou não teve o prometido?

JOÃO

Sim, você não mentiu, cego do diabo.
Tenho glória e poder, graças à chave.
Ela me abriu as portas que sonhei.
Mas quero mais poder, cada vez mais!

GUIA

Não lhe basta a conquista que já fez?

JOÃO — Meu sangue está sedento e eu também. Sonho com novos reinos além deste. Novos tronos que a chave me mostrou e cujas varas de ouro ilimitado estão gravadas dentro do meu sangue. Ouço um canto sem voz e enlouquecido que ergue um templo — na pedra do furor brilhando, sob um sol negro e sedento! Para onde isso me leva? E eu, quem sou?

GUIA — Isso não significa nada. As pessoas como você sonham sempre com essa intensidade. É mesmo isso que faz de você um herói de sua tempera. E esses sonhos são como árvores, replantadas nas raízes dos reinos conquistados para rebentar de novo.

JOÃO — Mas há sempre a ameaça do passado.

CEGO — Do passado? Que quer você ainda com o passado?

JOÃO — Sinto uma estranha sensação de perda, como se tivesse perdido qualquer coisa aqui na estrada. Eu já tive outro nome?

CEGO — Que nada! Outro nome? Você é João Sem Medo e sempre foi. Que outro nome poderia ter você?

GUIA — Você não se orgulha de um nome tão famoso, gravado até nos frutos, nas serras e nos fuzis dos cangaceiros?

JOÃO — Sim, orgulho-me de meu nome. João Sem Medo é um nome muito grande. Fecho os olhos ao mais. São fraquezas que nascem nas horas escuras da noite e das estrelas.

CEGO — Agora sim, reconheço o meu grande João Sem Medo.

GUIA — Mas para que você nos chamou à encruzilhada?

JOÃO — Para saber as bases do negócio que você me propôs da outra vez, rei cego. Onde está o cavalo prometido?

CEGO — *(Rindo.)* Então a chave não lhe basta mais?...

JOÃO — Não. A chave já não basta à minha sede, maior do que a da terra perseguida pelos potros de fogo desta seca...

CEGO — É preciso ir ao reino novamente. Tem coragem? Ou vai tremer de novo?

JOÃO — Meu nome é João Sem Medo. Irei ao reino.

CEGO — Vá na frente.

JOÃO — Mas como?

CEGO — Esfregue a chave.

JOÃO — Pois irei conquistar esse cavalo. *(Esfrega a chave. Trovões e relâmpagos).*

CEGO — Venham, forças sem nome dos infernos! Conduzam para o reino a nossa chave e seu escravo, o príncipe sem medo! *(Cessam os trovões. João DA CRUZ desaparece.)*

GUIA — Muito bem. Você trabalhou como nunca. O antigo João da Cruz há de ser nosso.

CEGO — Eu quero o maior bem que possa retirar dele. O dom supremo, o dom de sua alma. De sua alma, de sua alma. Mas convém ir aos poucos para não assustar o nosso príncipe.

GUIA — Eu quero aquele corpo para a terra. A carne ressuscitará e, se você conseguir a alma dele, ela será pasto de tudo aquilo que represento e para que vivo. Siga agora o caminho de seu reino, no rastro do grande João Sem Medo. Eu irei com você, para ajudá-lo. *(Raios e trovões. Escuro. Desaparecem. Entra o ANJO DA GUARDA.)*

ANJO DA GUARDA — Então era isso, João da Cruz andava a braços com forças infernais. Isso não acaba bem, nem para mim nem para ele. O jeito é esperar que ele regresse. *(Entra REGINA.)* Regina!

REGINA — *(Entrando.)* O senhor me conhece? Pois então deve conhecer João da Cruz também.

ANJO DA GUARDA — Conheço-o, mais do que você pensa.

REGINA — De onde nos conhece?

ANJO DA GUARDA — Já preguei uma missão em Taperoá.

REGINA — Ah, bem. E sabe me dar alguma notícia dele? É vivo ou morto?

ANJO DA GUARDA — Vivo. Você está à sua procura?

REGINA — Estou, parece que minha sorte é procurar quem se perde.

ANJO DA GUARDA — Saiu há muito tempo?

REGINA — Saí hoje pela manhã. Estamos longe?

ANJO DA GUARDA — A umas três léguas de Taperoá. Por que resolveu sair hoje?

REGINA — A mãe dele me pediu. Ela está para morrer. Deixei-a agonizante. Pediu que eu viesse procurar o filho dela. Sei que foi coisa da agonia, mas prometi e vim.

ANJO DA GUARDA — Então ela está à morte... Coitada, era uma boa mulher.

REGINA — O senhor a conheceu também?

ANJO DA GUARDA — Conheci. Daqui a pouco João voltará para aqui. Vamos esperá-lo. Por enquanto ele viaja para um reino de brutalidade, chamas de treva e duras tempestades. Vamo-nos esconder para esperá-lo.

Saem. Escuro. Quando as luzes se acendem, o CEGO está novamente sentado no trono do aposento do inferno, com o GUIA ao lado. JOÃO DA CRUZ está de pé, esfregando a cabeça, estonteado.

JOÃO — Ah, até que enfim você chegou. Por que essa demora?

CEGO — Passei por uma tempestade que me atrasou na viagem.

JOÃO — Pouco antes de vir, lembro-me de ter ouvido você falar. Mas está tudo tão confuso... Você me chamou escravo desta chave?

CEGO — Escravo? Eu não chamei ninguém escravo. Se a chave é quem lhe serve... Como poderia você ser escravo dela? Se a chave é quem lhe serve, você é que é o rei. *(Relincho fora.)* Está ouvindo?

JOÃO — O quê?

Cego — Esse relincho. É seu cavalo que chama, carinhoso, pelo dono. O que é que você responde? Você o quer?

João — Ele pode aumentar o meu poder?

Cego — Pode sim.

João — Então eu o quero. Com o sangue de meu corpo, com tudo o que em mim grita por poder.

Cego

Então há de montar no potro negro,
e há de ver todo o mundo lá de cima.
Seus flancos são bandeiras de vitória,
que espumejam na cólera da guerra!
Você desfraldará essas bandeiras
e aos toques de clarim, de som dourado,
comandará o exército da terra.

João — Mas que devo lhe dar em troca dele?

Cego — Você deve me dar um simples gesto.

João — Um gesto? Com que fim? Que gesto é esse?

Cego — Você há de ver já. Traga a mulher. *(O GUIA entra na gruta ou no lugar designado para isso e volta acompanhado por uma mulher com o rosto coberto.)*

Mulher — Tenha pena de mim que vou morrer! Misericórdia, príncipe sem medo!

GUIA e CEGO

Um gesto só, um gesto, João Sem Medo.
Um gesto dessa mão será bastante.
E entregará essa mulher à morte,
por trás daquela arcada chamejante.

JOÃO — Não. Matá-la por quê? Solte a mulher!

CEGO — Vai mandar soltá-la?

JOÃO — Vou, ela não fez nada comigo!

CEGO — Então vai perder o cavalo. É pena.

JOÃO — Só por isso? Afinal que significa essa morte?

CEGO — Era ela que ia provar que você é digno do cavalo. Só aqueles que não têm piedade estão à altura dele. Se não fosse assim, eu iria escolher João Sem Medo para propor tal negócio? Então? Não tem coragem? É um gesto em troca do poder nunca alcançado até agora por nenhum mortal em sua terra.

JOÃO — Não gosto de matar. Não morrem nunca os olhos que matei. Eles me encaram assim como em tristeza e compaixão do cerne das raízes, nas estradas e nas pedras solenes do sertão.

CEGO — O cavalo lhe dará esquecimento, quando você precisar e pedir. Faça o gesto! Ah, bem que eu estava desconfiado: você está com medo. E seu nome, vai perdê-lo? Vai perder esse nome de João Sem Medo que é a causa do terror que você inspira e do poder que tem?

JOÃO — O potro matará a sede estranha de poder e desejo que me mata?

CEGO — Você será mais poderoso do que foi ou sonhou ser até agora. E se a sede crescer mais do que você, dar-lhe-á o esquecimento de que você precisar.

MULHER — Então vou ser sacrificada! Você não sabe quem sou eu na terra, quem precisa de mim, qual a minha utilidade, o estado em que minha alma se encontra. Mesmo assim vai me entregar à morte, João Sem Medo?

JOÃO — *(Erguendo o braço.)* Não gosto de ouvir lamentações. Eu estava hesitando e você veio me irritar com suas queixas. Assim, foi você quem ergueu a voz. Eu só estou lhe emprestando o braço para o gesto.

MULHER — Mas eu...

JOÃO — Cale-se, você só está aumentando minha cólera e minha impiedade. Já disse que não gosto de ouvir lamentações.

GUIA e CEGO

A culpa é dela: o pranto é seu enredo!
Baixe o braço que ergueu contra a vontade!
Mostre que é valente e sem medida!
Ordene a morte, ordene, João Sem Medo!

MULHER — Ai de mim! Condenada sem ofensa! Ó meu silêncio, como apaziguá-lo!

JOÃO — Falou mais uma vez. Foi a sentença! Levem-na, pois, e tragam meu cavalo. *(Baixa o braço. O GUIA arrasta a mulher para a gruta.)*

MULHER — Tenha piedade, João, tenha piedade!

CEGO e GUIA — Não, nunca! Ela não vale um cavalo! *(João tapa os ouvidos com as mãos. O GUIA desaparece com a mulher. Um grito.)*

CEGO — Muito bem, João Sem Medo. Você provou sua coragem e sua impiedade. Pode voltar.

JOÃO — E meu cavalo? Onde está?

CEGO — Na encruzilhada, esperando por você. Esfregue a chave. Pode ir sozinho, agora já tenho confiança em você. É quase meu.

JOÃO — Então eu vou. *(Esfrega a chave. Trovões. Escuro. Novamente na encruzilhada. JOÃO DA CRUZ desmaiado. Entram o ANJO DA GUARDA e REGINA.)*

REGINA — Até que enfim, meu João, depois de tanto tempo! Mas como o carpinteiro está mudado! Acorde, João! Tão envelhecido, coitado, nem parece o mesmo João!

JOÃO — Onde está meu cavalo poderoso?

REGINA — João da Cruz! Não me viu? Nem falou comigo! João!

JOÃO — Com quem você está falando? Meu nome é João Sem Medo. Trema. Fuja diante deste nome.

ANJO DA GUARDA — João Sem Medo? Então você não se chama João da Cruz?

JOÃO — Não e não diga esse nome novamente!

ANJO DA GUARDA — Que nome? João da Cruz?

JOÃO — Sim. Não gosto dele e não gosto também que me contrariem. Eu posso tudo.

ANJO DA GUARDA — Tudo? Até contra o passado? Seu cavalo está ali, à sua espera. Não vai? Você não se chama João Sem Medo?

JOÃO — Chamo-me e não pense que me intimida com suas ameaças sobre um passado que nem ao menos sei se existe. Não sei como você veio a saber do meu cavalo, mas não tenho medo de você. E vou em busca dele. *(Vai sair, mas para diante do PEREGRINO, que vem entrando solene.)*

JOÃO — Quem é você que ousa tomar a minha frente desse modo?

PEREGRINO — Sou seu pai.

ANJO DA GUARDA — Onde esteve até agora?

PEREGRINO — Não sei. Saí como o senhor me ordenou e caí perto da estrada. Tive um sonho esquisito e muito triste. E tenho certeza de que vi a verdade, nele.

JOÃO — Que foi que você viu?

PEREGRINO — Vi minha mulher morta.

REGINA — Ela estava doente, deixei-a agonizante.

PEREGRINO — Então é verdade. Sou seu pai, João da Cruz. Você ordenou uma morte, tenho certeza. E enquanto isso, no mesmo instante, sua mãe morria em sua casa, na casa que foi dela a vida inteira. Volte agora, você deve acompanhar sua mãe à sua última morada.

JOÃO — Então essa mulher... Não! Minha mãe? Não me lembro de ter tido mãe. E não me chame João da Cruz! Meu nome é João Sem Medo!

ANJO DA GUARDA — Lembre-se, João da Cruz! Por Deus, pelo amor de Deus!

JOÃO — *(Cobrindo o rosto.)* Não, não posso nem quero me lembrar. Então aquela que matei em troca do cavalo...

ANJO DA GUARDA — Está lembrado? Seu crime é muito grande, mas o amor de Deus pode lavar tudo. É tempo ainda, João. Volte para casa!

REGINA — Sim, João, volte para casa. Lá você estará mais abrigado. Volte! Volte!

JOÃO — Sim, irei ver essa casa de que falam. Todos vocês irão comigo. E cuidado. Não pensem que me enganam com palavras. Eu vou, mas meu cavalo vai também. Ele me garantirá contra vocês. Meu cavalo! Leve-nos daqui! *(Raios e trovões.)* Preciso libertar-me do passado! Leve-nos para a casa de onde vim! *(Escuro. Quando a luz se acende, o GUIA se dirige ao público.)*

GUIA — Assim, como vocês tiveram oportunidade de ver, o espetáculo tomou o freio nos dentes, como o cavalo de João Sem Medo. O céu e o inferno misturaram-se com a terra, como eu tinha prometido e até de um modo que eu não previra. Enfim, a ação caminha e com ela o cavalo de João da Cruz, que traz todos para casa pelos ares. Abramos a cortina e, enquanto me afasto, vocês poderão ver a continuação dessa história, cheia de coisas grandes e mesquinhas, como qualquer história de homem.

Descerra a cortina da casa de JOÃO. Escuro. Quando as luzes se acendem, REGINA entra pela porta, como que impelida por uma força invisível.

REGINA — Que viagem esquisita pelas nuvens! Estávamos na encruzilhada, tão longe, de repente João nos trouxe com suas artes pela estrada de sono e de silêncio, onde uma hora passa num instante! *(Entram JOÃO DA CRUZ e PEREGRINO, do mesmo modo, impelidos pela mesma força.)*

JOÃO — Então? Acreditaram agora em João Sem Medo? Meu poder é maior do que o passado. E você, Peregrino, pode tremer agora. Você há de pagar o abalo que causou nas grutas escondidas, onde mora meu nome que firmei com sangue e treva!

PEREGRINO — Você fará o que quiser, João da Cruz. Isso não me impedirá de dizer, até a morte, que você é meu filho João da Cruz. E se você anda com poderes estranhos, maior do que todos eles é Deus, pai de nós todos.

JOÃO — De mim também?

PEREGRINO — Sim, pai de nós todos. Não o recuse, João. Você é livre, apesar de tudo. Escolha o lado bom e será salvo. Nunca mais pesará sobre você a escravidão em que vive agora, aprisionado por essas forças que já começaram a desfigurá-lo.

REGINA — Ah, João, escolha o lado bom! Volte à casa de seu pai, volte à madeira e volte para aqueles que se sentem sós desde que você saiu.

PEREGRINO — Fique, meu filho. Você não ficará só. Seu pai há de ficar aqui também.

JOÃO — Não! Calem-se, calem-se os dois. Vocês querem que eu perca meu poder. Não me chamo João da Cruz. E não tenho alma de escravos como vocês.

PEREGRINO — Então contemple o quadro que você mesmo traçou e que me deu em troca do presépio. *(Abre a cortina do presépio. Um caixão preto,*

com quatro velas compridas nos cantos.)

JOÃO — *(Recuando.)* Eu não sabia que era minha mãe!

PEREGRINO — Bastaria saber que era uma pessoa. Ela morreu pedindo piedade a você. Mas, mesmo assim, não chorava, e falava como se o perdoasse.

REGINA — Então, João da Cruz? É triste voltar assim para casa, não? Cheio de poder, ao que parece, mas encontrou sua mãe morta.

PEREGRINO — Ainda é tempo de pensar. Veja o que decide. Vou esperá-lo em nossa velha tenda.

REGINA — Eu irei encontrá-lo, mas depois. Quero falar com João. *(Sai o PEREGRINO.)*

REGINA — Está vendo, João, quantos males você causou?

JOÃO — Não fui a causa disso. Nem me interessa saber se fui ou não. Meu desejo é o poder. Preciso lutar por meus sonhos. Por meu barco, por meu reino e pela coroa que me prova a cada instante que minha alma é de rei e não de escravo.

REGINA — Mas perdeu sua terra e seu passado. Você não sente falta de seu velho nome?

JOÃO — Não, não, não! Nunca senti, até que vocês apareceram. Mas, mesmo agora, foi coisa de momento. João da Cruz, João Sem Medo, que me importa?

REGINA — Ah, João da Cruz, importa, importa muito. João da Cruz era o moço carpinteiro, cuja alma era honrada e simples como uma pedra. A madeira e o trabalho da casa de seu pai mantinham-no de pé quando alguma coisa o abalava. E tudo ia bem. João Sem Medo é o raio do ódio e da morte, o

homem da noite cuja vida estraga a do carpinteiro no que ela tem de mais seu, no sangue de suas raízes, antes invioláveis. Volte a seu nome, João. Volte à antiga fonte de madeira e seja de novo João da Cruz, apoio de nós todos! Sua mãe está morta, seu pai está sozinho. Ele está esperando por você. Vá ter com ele, eu irei também. Tudo esquecido, voltaremos para levar sua mãe e ela bem o merece, era humilde e boa.

JOÃO — Não, saia daqui! Sou príncipe na terra e quero ser assim até a morte. Só eu tenho poder para julgar meus atos e desejos. Vá você para a tenda. O peregrino que espere a decisão!

REGINA — De João da Cruz?

JOÃO — Não, de João Sem Medo. Se eu não for logo é porque não irei mais. Vá, deixe-me só. (*Sai REGINA.*)

JOÃO

Agora, que estou só, posso julgar-me.
Quem sou eu, João da Cruz ou João Sem Medo?
Meu nome João Sem Medo deu-me força.
A prata dê meu fogo e minha luz.
Mas entre plantas de poder e sono,
entre árvores de prata e leitos de ouro,
onde está meu perdido João da Cruz?
Ó madeira, ó infância, ó juventude!
Ó solidão de agora, que fazer?
Como escapar à turva divisão?
“O reino dividido é assolado.”
Que querem tais palavras me dizer?
É melhor não lutar. Fugir, fugir.
Um pouco de descanso e esquecimento,
De sono escuro, sombra e negra paz.
Ó meu cavalo, dê-me esquecimento.
Que por alguns momentos meu espírito
seja envolvido pelo manto espesso

que o sono traz ao sangue dos mortais.

Cai adormecido. Raios e trovões. Entram o CEGO e o GUIA.

CEGO — Adormeceu o príncipe sem medo. Está cansado das batalhas de sua alma.

GUIA — É, você está escarnecendo dele, mas perdeu quase todo o seu trabalho.

CEGO — Não perdi o essencial. Ele está dormindo por artes do cavalo que lhe dei e que é somente um demônio disfarçado. Aquela mulher que mostrei a ele, e que se batia contra a morte certa, era a imagem da mãe que, aqui na terra, estava na verdade a ponto de morrer. Era só uma imagem mas bastava. Eu queria somente ver até que ponto João se entregara ao fogo que me abrasa.

GUIA — Pois trate de levá-lo novamente ao reino. Só assim poderemos recuperar o que já se perdeu.

CEGO — Não posso, não posso, não posso. João é livre. Você sabe que eu vivo acorrentado, só posso morder quem se aproxima livremente de mim.

GUIA — Então deixe João comigo alguns instantes, como eu fiz com você, na estrada.

CEGO — Que é que você vai fazer? Cuidado, todo o cuidado é pouco.

GUIA — Vou convencê-lo a pedir esquecimento ao cavalo. Mas não por alguns momentos, como há pouco. Quero que ele o peça para toda a vida.

CEGO — É um bom plano. Pois se João adormecer por toda a vida, a parte que ainda está conosco, envenenada como está, dará seus frutos e ele, adormecido, nos entregará sua alma inteira.

GUIA — Não lhe basta a metade que ainda temos?

CEGO — Não, não basta. Você não viu o resultado de só termos essa sob nossas ordens? João da Cruz, apesar de tudo, está indeciso entre a madeira da casa de seu pai e a prata de meu barco poderoso, cuja posse eu lhe daria em troca de sua alma, na terceira visita que ele havia de fazer a meu reinado.

GUIA — Pois vou tentar.

CEGO — Confio em você. Veja se o adormece. A luz vermelha do pecado me anuncia que devo regressar, meu reino me chama. *(Raio. Desaparece. O GUIA desperta João.)*

GUIA — Então, príncipe, estava dormindo? Faz bem. O sono é uma grande coisa, descansa a carne, afasta as agonias... Dormir é muito bom, príncipe João.

JOÃO — Eu estava dormindo nos braços de um sono profundo. As coisas todas me apareciam como se estivessem envolvidas numa névoa sonolenta, anterior à discórdia e à confusão.

GUIA — Você nunca tinha dormido assim?

JOÃO — Não, nunca. O sono de hoje era como se fosse um sono completo. De sangue e de corpo.

GUIA — E você adormeceu só?

JOÃO — Só? Como?

GUIA — Sem ajuda de ninguém.

JOÃO — Não. Foi meu cavalo que me mergulhou nesse mar de sono claro.

GUIA — Acredita agora em seu poder?

JOÃO — Acredito. Isto é, não sei bem. Estou confuso. Sinto-me tão indeciso em tudo! Pedi para dormir por causa disso.

GUIA — Mas você, João Sem Medo! Sentindo-se indeciso! Onde está sua coragem tão famosa?

JOÃO — Eu nem sei mais se já tive essa coragem. Quando voltei para a estrada com o cavalo, encontrei na encruzilhada um peregrino que se dizia pai de um tal João da Cruz. Esse nome me causou um abalo enorme. Meu passado começou a me pesar de entre as grades da memória. Serei eu esse João da Cruz de que eles falam?

GUIA — Que interesse pode ter isso para você? Por que isso o perturba tanto?

JOÃO — Porque, se é verdade o que eles dizem, mandei matar minha mãe, lá no reino da cegueira, em troca do poder do meu cavalo!

GUIA — Em troca do cavalo? Que tolice, João! Se ela estava no reino, como pode ter morrido aqui no mundo?

JOÃO — É verdade.

GUIA — Não é mesmo? Descanse, João Sem Medo! Monte no cavalo e parta a conquistar o que lhe falta. Somente assim o cego lhe dará seu barco e você

poderá ser um rei no mundo.

JOÃO — Talvez você tenha razão. Mas, mesmo assim, o remorso se apodera das fontes de meu ser. Que farei?

GUIA — Você não ama a terra, João Sem Medo?

JOÃO — Amo, sim. Mas tenho medo da sede que ela traz.

GUIA

Agora, pelas serras do sertão,
a seca com seu manto chamejante,
imobiliza pássaros, rebanhos,
as pedras e os roçados de algodão.
Se você exigir de seu cavalo,
ele há de lhe doar um bom roçado,
um jardim sem memória, onde a lembrança
não permite o remorso malfazejo,
nem perturba as raízes do passado.

JOÃO

Um jardim de fartura, onde a memória
não perturba as raízes do remorso
e onde há sono, fartura e esquecimento?

GUIA

Onde os gritos sem lei dos outros homens
só chegarão com seu consentimento.

JOÃO — É mesmo?

GUIA — E então? Os dias passam lá sem que você os sinta, à sombra das baraúnas, que nunca perdem suas folhas. A água lá é eterna e passa

cantando por entre as mais belas pedras do mundo.

JOÃO — Tenho medo da solidão.

GUIA — Lá, você terá as mulheres que desejar. Elas passeiam por entre as árvores, correm, se entregam... Você será mais poderoso do que já foi até hoje. *(Toque de sino.)* Quem tocou esse sino?

JOÃO — Um sino? Não o ouvi.

GUIA — *(Trêmulo.)* Mas eu o ouvi. Tenho que ir. *(Sino.)* Ai! Tenho que ir, pense bem no que lhe disse!

Raio. Desaparece. Entram o ANJO DA GUARDA e o ANJO CANTADOR, ambos invisíveis, vestidos de anjo.

ANJO DA GUARDA — *(Postado diante de JOÃO.)* Então você está aí, ovelha ordinária!

ANJO CANTADOR — Tinha fugido de novo?

ANJO DA GUARDA — E então? Fugiu usando o poder maligno a que tem direito agora, depois que se entregou ao cego. Você não viu aquele cavalo preto que nos mostrou os dentes, quando passamos?

ANJO CANTADOR — Vi.

ANJO DA GUARDA — É um demônio disfarçado. O cego deu-o a esse idiota. Foi o cavalo quem trouxe João, Regina e o Peregrino. Eu vim só.

ANJO CANTADOR — Atrasado como sempre.

ANJO DA GUARDA — Atrasado, mas sempre seguro. Seguro como sempre.

ANJO CANTADOR — É, está se vendo. Que é que você vai fazer agora?

ANJO DA GUARDA — Vou me vestir de frade e entrar de novo. *(Veste o hábito de frade junto da porta e entra. O ANJO CANTADOR permanece invisível.)*

ANJO DA GUARDA — Até que enfim chego à sua casa, João.

JOÃO — Ah, é você. Para vir de Estaca Zero a Taperoá levou esse tempo todo? Vê-se bem que você nunca passará de um frade velho.

ANJO DA GUARDA — Sim, sou velho. Mas, velho desse jeito, tenho três vezes mais juízo do que você. Seu pai está esperando por você na tenda. Com a morte da mulher, vai ficar só. E quero avisá-lo de uma coisa: se você o deixar, ele morrerá também.

JOÃO — Como é que você sabe?

ANJO DA GUARDA — Eu posso ver mais do que você pensa. Daqui de onde estou, posso vê-lo. Ele o espera, espera, espera. Está cada vez mais velho e triste. Sente-se cansado e solitário. Sente como que sua mulher chamando por seu nome. Quer ir cada vez mais. E se você não for, não terá mais nada a fazer aqui. E Deus atenderá a seu pedido.

JOÃO — Feitiçaria. Já estou cansado de ver essas molecagens, sabe? Parece que tenho sorte com feiticeiro, só vejo profetas para todo lado! E a feitiçaria que me dá mais raiva é feitiçaria de padre, ouviu? Não me venha mostrar coisa nenhuma!

ANJO DA GUARDA — Bem, você está avisado. Você é livre, irá para onde quiser. Procuro somente lhe apontar o caminho.

JOÃO — Então mostre o caminho do jardim onde o remorso e a dor não têm lugar.

ANJO DA GUARDA — *(Mostrando o presépio.)* Prefiro mostrar este. Siga o caminho que seus pais seguiram.

JOÃO — Não. Meu cavalo é mais sábio do que você. Sabe fazer o que me agrada. E sabe me dar aquilo de que preciso, o esquecimento que não existe aí. *(Entra REGINA, desesperada.)*

REGINA — Ah, João, seu pai está morrendo!

JOÃO — Onde?

REGINA — Aí fora. Veio comigo da tenda e começou a se sentir mal no caminho. Está para morrer e quer ver o senhor frade! *(João corre com o ANJO DA GUARDA para fora e volta do limiar cobrindo o rosto com o braço. O ANJO DA GUARDA sai.)*

JOÃO — Está morto?

REGINA — Está à morte, seus minutos estão contados. Seja digno dele, João, seja um filho à altura deste casal, unido até na morte. Ocupe seu lugar e acompanhe seus pais até o cemitério. Depois volte à tenda de seu pai e renuncie a essa vida que o está matando!

JOÃO — Não. Não quero saber de meu passado. Dura prisão é este mundo em que vocês querem me aprisionar. Venham, forças do reino da cegueira, aos olhos destroçados do meu rosto! E você, meu cavalo, liberte-me das grades da memória. Ao roçado de sono e de fartura! Quero dormir, de um sono para sempre e sem desgosto. *(Raio. Escuro. JOÃO DA CRUZ desaparece. Volta o ANJO DA GUARDA.)*

ANJO DA GUARDA — Morreu o carpinteiro peregrino, morreu em paz. E João da Cruz? Fugiu?

REGINA — Fugiu. Valeu-se novamente do cavalo.

ANJO DA GUARDA — Então foi se entregar ao esquecimento. Mas hei de achá-lo.

REGINA — Tenha por ele o cuidado que merece.

ANJO DA GUARDA — O que merece, não. Terei por ele o cuidado que seu pai pediu. Ajude-me também. Talvez possamos salvá-lo, apesar de tudo o que já fez. Levemos o caixão. Vamos enterrar os pais de João da Cruz. (*Levando o caixão.*) “Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá eternamente.” Acredita nisto?

REGINA — Acredito, sim. Sei que Jesus foi o Cristo, Filho de Deus vivo, que veio a este mundo. (*Saem os dois. Raio. Aparecem o CEGO e o GUIA.*)

CEGO — Eis a casa vazia. E nesta mesma hora em que os pais caminham para o céu pelas estrelas, João se entrega ao esquecimento em seu jardim. Esse esquecimento trará sua alma para meu reino e entregará, na terra, seu corpo à corrupção. Seu corpo enfim vencido, para sempre, pelo agulhão da morte.

GUIA — Não sei, não estou seguro. Ainda é cedo para esse regozijo.

CEGO — É possível, ainda está com medo? Lá onde João se encontra só chegará gente se ele chamar. Isto ele nunca fará, pois tem mais medo do passado do que de tudo. A perdição dele é certa, é certa, é muito certa!

GUIA — Quero o seu corpo para a terra quente.

CEGO — Eu, que sua alma nunca chegue às águas.

AMBOS — Essa é nossa missão desde o princípio.

CEGO — João está no seu roçado de sono. Passeia para um lado e para outro e não se lembra de mais nada. Não há mais nenhum caminho para o remorso. Ah, e essa cegueira que me impede de ver João da Cruz em seu roçado!

GUIA — Vamos lá. Eu vejo tudo e descreverei para você, imagem por imagem, a fortuna de que João da Cruz está gozando.

CEGO — Imagem por imagem! É mesmo. Se ele soubesse, hein? A fortuna de João da Cruz é reduzida a quatro ou cinco imagens ilusórias que inventei e que podem se acabar em menos de um segundo. Vamos?

GUIA — Vá na frente. Eu logo o seguirei. *(Raio. Escuro. O CEGO desaparece e o GUIA se dirige ao público. Aqui pode-se terminar o segundo ato.)*

GUIA — De modo que, ao começar a quinta jornada, e o terceiro ato, a situação é esta que viram! João da Cruz persuadido a se entregar ao esquecimento e nós dois, eu e o cego, procurando, a todo custo, mantê-lo em tal situação, para conquistá-lo. E para que não se diga que não cumpro minhas promessas, as duas jornadas seguintes mostrarão o céu misturado com a terra, num exemplo que atinge João e a todos mais que tenham olhos para ver. E agora, ao jardim. Uma escada, alguns apetrechos cênicos facilmente removíveis, e temos a velha encruzilhada transformada, aos olhos de João, no roçado de fartura onde não chega a memória de seus crimes. Nem isso deve causar espanto, pois ouviram o cego dizer que a fortuna de João era ilusória, como toda obra do homem. E todos vocês sabem, além disso, que cada um tem, cuidadosamente disfarçado dos olhares dos outros, o lugar de esquecimento em que se esquecem os crimes de cada dia, para que a vida se torne possível. E aqui passo novamente a palavra aos atores, para que o espetáculo possa continuar.

Raio. Escuro. Quando a luz se acende, estão diante da encruzilhada, agora preparada de algum modo, o CEGO e o GUIA. JOÃO DA CRUZ cruza a cena com um girassol na mão, cheirando-o, em atitude sonhadora.

CEGO — Deu resultado o plano que você tramou, João da Cruz vive agora no jardim, entregue a esse sono que não dá lugar para o remorso.

GUIA — Infelizmente não podemos estar seguros, pois aquilo esteve aqui e descobriu onde está João.

CEGO — Aquilo? Aquilo o quê?

GUIA — Você sabe tão bem quanto eu. Não gosto de falar dele como se fosse uma pessoa. Quando eu digo aquilo, é aquele camarada de manto azulado que se veste de frade de vez em quando.

CEGO — Ah, aquele cachorro! Deve ter se perdido por aí. Foi embora.

GUIA — Foi embora? Para onde?

CEGO — Não sei, não sei, não sei!

GUIA — Calma, você sabe que só tenho olhos para ver a terra. Ele tem algum outro lugar para ir, além daqui?

CEGO — Não sei, nem me pergunte. Tenho horror a esses seres de manto azulado. São nojentos, abjetos!

GUIA — São servis, escravos... Não conhecem meu reino nem o barro. E, sobretudo, não conhecem aquilo que o barro esconde nas entranhas.

CEGO — Mas não há motivo de inquietude, pelo menos agora. É esperar que a vida do esquecimento chegue ao fim. Você então levará seu corpo para a terra e poderá, ao mesmo tempo, assistir à queda de sua alma nas chamas do meu reino.

GUIA — Cuidado, vem alguém por aí. E é um desses mortais que nos fazem medo, dando-nos uma sensação esquisita e dolorosa.

CEGO — Eu sei, já estava também sentindo isso. Irmão, leve-me com você. Ah, não me deixe só! Irmão, irmão! *(Raio. Desaparecem. Entra REGINA.)*

REGINA — Enfim cheguei ao reinado do príncipe esquecido. O mundo caminhou na sua rota e João perdeu-se de nós todos. Mas o frade o encontrou aqui, depois de muito procurar. Ele rezou e uma estrela perdida despenhou-se dentro da alma de João. Mas nada pôde essa estrela contra a névoa que aprisiona em suas grades a memória do príncipe esquecido. E o pior é que o frade desapareceu de nossas vistas e eu estou só. João precisa de minha ajuda e eu preciso também de João da Cruz. Lá vem ele, dos lados do jardim. *(Entra João.)* Ah, João da Cruz, você está aqui. Não se lembra de mim?

JOÃO — Quem é você, amiga? Quem é você? Não posso me lembrar de ninguém.

REGINA — Reaja contra esse esquecimento que impede a memória de seus erros. É um esquecimento criminoso, pois foi você mesmo quem o escolheu. E se você se obstinar em permanecer nele, os erros que você cometeu no passado são bastantes para conduzi-lo à perdição!

JOÃO — Não sei que erros são esses de que você está falando.

REGINA — Nem de seu nome você se lembra mais?

JOÃO — Não, sei vagamente que me chamo João. Não é um grande nome, mas basta para quem tem tudo o que deseja.

REGINA — Ah, João, mas é preciso que você se lembre. Você já se chamou um tempo João Sem Medo. Era um nome de terror e de triunfo, e quando você se chamava assim, cometeu muitos crimes. Você envenenou as fontes da própria alma em troca do poder que acumulou.

JOÃO — As fontes de minha alma?

REGINA — Sim, está lembrado agora? Em troca, recebeu um cavalo poderoso. Sabe Deus que porção de sua alma ficou comprometida e mutilada por causa dessa troca! Foi o cavalo, lembra-se?

JOÃO — Ah, meu cavalo.

REGINA — Sim, seu cavalo, lembra-se?

JOÃO — Lembro-me, sim. Ele está ali. É quem me dá tudo o que peço. Você já viu meu jardim de árvores frondosas?

REGINA — Não. Nunca vi seu jardim, nem quero ver seus bens amaldiçoados.

JOÃO — *(Da escada.)* Há muita paz ali. É a paz da sombra, à beira d'água, perto de riachos que cantam canções de notas prateadas. Tal música adormece a memória de quem ouve. A minha está repleta desses sons de ouro. Ah, meu jardim de sombra, já sinto a sua falta. Já vou, já vou voltar para lá. *(Vai saindo.)*

REGINA — João, saia daí! Essa sombra e essa água são malditas. Volte ao mundo!

JOÃO — O mundo é duro! *(Sai.)*

REGINA — É verdade. Mas é essa dureza que permite a luta que nos dá salvação. Volte, volte, João! Fugiu!

Entra o ANJO DA GUARDA, vestido de frade.

ANJO DA GUARDA — Estou de volta, fui buscar ajuda. Onde está João?

REGINA — Fugiu, mas não perdi a esperança de que ele volte. Ele está melhor do que da última vez. Lembra-se de seu velho nome e trata-me com mais bondade, sem aquele ódio que nos espreitava a cada instante.

ANJO DA GUARDA — Entretanto não tem olhos para o sofrimento dos outros nem para o remorso de seus crimes.

REGINA — E o senhor? Onde esteve?

ANJO DA GUARDA — Fui ao mosteiro.

REGINA — Ao mosteiro?

ANJO DA GUARDA — Sim, ao mosteiro onde moro e de onde vim um dia.

REGINA — Ah, sim.

ANJO DA GUARDA — Passei por nuvens, estrelas, pelo firmamento, e cheguei afinal à minha casa.

REGINA — E que trouxe de lá para ajudar a salvar João da Cruz?

ANJO DA GUARDA — A certeza de que Deus tudo vê. E a solução para o caso dele.

REGINA — Qual é ela?

ANJO DA GUARDA — O amor. Só ele pode tirar João da Cruz do esquecimento em que mergulhou.

REGINA — Então tenho uma solução, uma sugestão para fazer.

ANJO DA GUARDA — Qual é?

REGINA — Quando nós éramos meninos, um de nossos companheiros salvou João de morrer afogado. João se ligou a ele por uma amizade que durou toda a vida. Chamava-se Silvério, esse amigo. Agora ele é cangaceiro, vive de um lado para outro, perseguido pela polícia, sem achar descanso nem um minuto. Quem sabe se João não era capaz de um sacrifício por ele? Minha ideia é boa?

ANJO DA GUARDA — É ótima. Talvez ele se mova pela piedade e pelo amor. E somente assim pode se salvar dessa vida falsa que está levando.

REGINA — Mas como pôr o plano em prática?

ANJO DA GUARDA — Ah, isso é comigo. (*À parte, ao ANJO CANTADOR.*) Irmão, saia e venha vestido como gente.

REGINA — Eu, como gente? E como é que estou vestida?

ANJO DA GUARDA — O quê? O que foi que você disse?

REGINA — Eu não disse nada, quem falou foi o senhor.

ANJO DA GUARDA — Não falei com você não.

REGINA — E com quem foi que o senhor falou?

ANJO DA GUARDA — Falei ali para fora, com um cantador que eu trouxe lá do mosteiro.

REGINA — E ele não se veste como gente não?

ANJO DA GUARDA — Não, estava muito mal vestido e eu o aconselhei a mudar de roupa.

REGINA — Ah, sim. E que vai fazer o cantador?

ANJO DA GUARDA — Os romances dele vão falar do caso de João. E por meio deles, João terá que se decidir. Amor e piedade unidos são colunas invencíveis. Aí vem ele.

Entra o ANJO CANTADOR, vestido de calça de mescla, alpercatas e camisa abotoada no pescoço. Traz a viola, como sempre.

REGINA — Senhor cantador, ajude-nos, por favor. Precisamos de seus cantos para ajudar um amigo.

ANJO CANTADOR — Farei o que puder. Mas não sei como...

ANJO DA GUARDA — É fácil. Vou chamar para cá o amigo de que ela fala. Queremos que ele se lembre de um amigo, para ver se ele fica bom da doença que o atacou.

ANJO CANTADOR — Que doença é essa?

REGINA — Está meio esquecido.

ANJO CANTADOR — Ah, entendo. Está doido, não é?

ANJO DA GUARDA — Mais ou menos. Vou chamá-lo aqui. Você cantará um romance que conte a história de um rapaz que salva o amigo. Depois esse rapaz perde o pai assassinado e, com o ressentimento, cai no cangaço. Perseguido por uma volante da polícia, o rapaz procura salvação junto ao amigo que recusa a ajuda. Sem ter quem o ajudasse, o pobre é morto pela volante. Entendeu?

ANJO CANTADOR — Entendi.

ANJO DA GUARDA — Então fique aqui que ele já vem. João da Cruz! João da Cruz! Ô João da Cruz! Lá vem ele. Vamos embora, fique só com ele.

Saem o ANJO DA GUARDA e REGINA. O ANJO CANTADOR fica dedilhando a viola e cantando baixinho.

ANJO CANTADOR

Jesuíno já morreu,
acabou-se o valentão.
Morreu no campo da honra,
não se entregou à prisão,
por causa duma desfeita
que fizeram a seu irmão.

Entra JOÃO DA CRUZ com um girassol.

JOÃO — Olá, o senhor é cantador?

ANJO CANTADOR — Homem, sou e não sou.

JOÃO — É e não é? Como é isso?

ANJO CANTADOR — Eu canto para louvar a Deus no mosteiro em que vivo,
nas estrelas.

JOÃO — No mosteiro em que vive?

ANJO CANTADOR — Sim.

JOÃO — Nas estrelas?

ANJO CANTADOR — Sim. E minha música é uma só.

JOÃO — É mesmo? Deve ser muito boa, para o senhor cantar assim a vida
toda. Como é ela?

ANJO CANTADOR

Santo, santo, santo,
é o Senhor Deus dos exércitos.
Os céus e a terra estão cheios de sua glória.
Hosana nas alturas.
Bendito seja o que vem em nome do Senhor.
Hosana nas alturas.

JOÃO — É só isso?

ANJO CANTADOR — É.

JOÃO — E o senhor canta isso toda a vida?

ANJO CANTADOR — Canto.

JOÃO — Esquisito. Mas enfim, cada um com seu gosto, não é?

ANJO CANTADOR — É.

JOÃO — E além disso o senhor não sabe cantar mais nada?

ANJO CANTADOR — Sei, quando é preciso. Sei cantar histórias de bois, de cangaceiros...

JOÃO — Quer cantar alguma para eu ouvir? Gosto tanto de ouvir os cantadores do sertão!

ANJO CANTADOR — Então lá vai.

Meu irmão, ouça o romance
de Silvério, o cangaceiro,
que era amigo da pobreza
e inimigo do dinheiro:
morreu porque nunca teve
um amigo verdadeiro.

Viveram em Taperoá
dois rapazes do sertão.
Um chamava-se Silvério,
o outro chamava-se João.
Os dois viviam unidos
por amizade de irmão.

Um dia houve uma trovoada,
uma chuva prematura.
O rio se encheu na noite,
formando a corrente escura,

e João quis cruzar o rio
julgando a sorte segura.

A correnteza arrastou-o,
João viu da morte o deserto.
Gritou: “Silvério, me acuda!”
O amigo, que vinha perto,
atirou-se na corrente,
trouxe João a lugar certo.

A vida tem labirintos
confusos e desiguais:
um inimigo de Silvério
matou seus queridos pais.
Silvério vingou a morte,
sumiu-se pra nunca mais.

Viveu como cangaceiro,
da polícia perseguido,
pois o homem que matara
era rico e protegido.
Nunca matou por maldade,
nem perseguiu desvalido.

Mas sucedeu que a polícia
um dia cercou o pobre,
que a lei da morte é malvada,
pega branco, preto e nobre;
com sete palmos de terra,
qualquer um homem se cobre.

Silvério inda lutou muito,
mas, quando se viu cercado,
correu, pulou uma cerca,

indo cair num roçado
que pertencia ao amigo,
que era já homem abastado.

Ele disse: “João me salve,
que a polícia vem aí!”
João respondeu: “Meu amigo,
a estrada é por ali.
Se você fica, a polícia
me mata também aqui!”

Silvério olhou-o nos olhos
e correu sem dizer nada.
Não pôde chegar no mato:
quando botou o pé na estrada,
uma bala de fuzil
deu fim à sua jornada.

A vida é uma dura estrada,
Raros mantêm gratidão:
Ingratos, depois da morte,
Aparecem como são.
Nosso Deus é quem coroa
O puro de coração.

JOÃO — Não cante mais, maldito!

ANJO CANTADOR — Que é isso? Que foi que eu lhe fiz?

JOÃO — Seu romance foi cantado de propósito!

ANJO CANTADOR — De propósito? Para quê?

JOÃO — Para me lembrar uma coisa que estava esquecida. É tempo de parar.

ANJO CANTADOR — É tempo de parar, não, João, é tempo de lembrar! Você deve sua vida a Silvério. É verdade que agora ele é cangaceiro, mas isso não é da sua conta. Para você, a única coisa que importa é que ele foi seu amigo. Ele vem aí, perseguido pela volante. Que é que você vai fazer para ajudá-lo?

JOÃO — Não sei, não sei! Ah, não se pode viver no esquecimento! Meu passado vem me perseguir onde quer que eu esteja!

ANJO CANTADOR — Não é o passado, João, é Deus! Decida-se: Silvério vem aí.

Um grito. Entra SILVÉRIO correndo.

SILVÉRIO — Ai, João, estou perdido! Só você pode me valer!

JOÃO — Quem é você? Que há?

SILVÉRIO — É a volante, João. Só você pode me salvar. Eu vivo perseguido por toda parte. Silvério corre sempre e nunca dorme. Há sempre uma volante me espreitando, em todo canto. Nas estradas, nos rios, nas estrelas, em toda parte a morte me contempla, de uniforme.

JOÃO — *(Em transe.)* A volante é meu passado que me procura, não quero ser tocado por seus rifles. Seria aprisionado novamente!

SILVÉRIO — Mas você é a única esperança que me resta. *(Som de tambor.)* Está ouvindo? É o tambor da volante. Já vem perto. Que é que eu posso fazer? A força se aproxima. Ah, João, me dê seu cavalo! Com ele eu poderei fugir!

JOÃO — Que cavalo?

SILVÉRIO — É possível? Você, mentindo? Não acredito, João da Cruz. Eu não vi seu cavalo lá fora? Vai negá-lo? Não, não acredito, João. Me dê o cavalo e eu nunca mais lhe pedirei nada. Mas me dê esse cavalo!

JOÃO — Não, nunca. Meu cavalo é a única coisa que eu tenho para lutar contra a sombra do passado. Fuja só, ainda há tempo.

SILVÉRIO — Pois adeus, João da Cruz! Que é que Silvério ainda quer no mundo depois que João da Cruz lhe nega a vida? Nada, porque nada mais tem valor para ele. Adeus, João da Cruz, amigo ingrato! (*Corre.*)

Rufar de tambores, crescendo. JOÃO tapa os ouvidos. Um tiro.

JOÃO — Valha-me Deus, valha-me Deus, valha-me Deus! Quem sou eu? Silvério vai morrer! Ah, não. Vá, meu cavalo. Perca-se tudo quanto acumulei, contanto que se salve meu amigo. Vá, meu cavalo, e salve meu amigo!

Toque alegre de clarins e fanfarras. JOÃO cai de joelhos. Entra o ANJO DA GUARDA e REGINA aparece no alto da escadaria, cantando e dançando.

REGINA

João da Cruz,
seu jardim acabou-se
e seu cavalo já se perdeu.
Você se libertou
no amor sem mancha,
que seu amigo bem lhe mereceu.

Meu amor, você está livre agora. Grande coisa é o amor!

JOÃO — Estou livre... Mas para quê? É tarde, é muito tarde para mim. Eu me perdi de mim mesmo. Que faço aqui? Que roupas diferentes! Minha vida se acabou!

ANJO DA GUARDA — Comece uma nova, João da Cruz, é tempo ainda!

JOÃO — Estou começando a me lembrar. Mas há tanta coisa confusa, ainda! Meu pai morreu? E minha mãe também?

REGINA — Morreram ambos.

ANJO DA GUARDA — Foram para a morada da justiça.

JOÃO — Então tudo é verdade. É verdade que estive nas cavernas onde numa noite de sangue fuzilam raios de esmeralda. E é verdade que mutilei minha alma em troca do poder, que era uma chama criada por meus olhos vendidos e turbados. Estou perdido. Que fazer para compensar tudo isso?

ANJO DA GUARDA — Eu lhe direi depois, é minha obrigação. Mas há coisas mais urgentes para fazer. Vamos destruir o que ficou ainda intacto nesse jardim de morte e confusão. *(Sai.)*

JOÃO — Você, Regina... Minha amiga constante na desgraça!

REGINA — Para mim, você sempre foi o mesmo, João da Cruz.

JOÃO — Só você seria capaz de ter ainda palavras de bondade e amor por mim. Ainda reconhece João da Cruz, apesar de todos os seus crimes? E não despreza o criminoso João Sem Medo?

REGINA — Para mim, você foi sempre o carpinteiro! Volte comigo para a tenda, João, e estarei paga pela fé que mantive em sua volta.

JOÃO — Não. Agora só voltarei depois que pagar em penitência os crimes que cometi. Vá, Regina. Quero que você tome parte na destruição deste jardim onde eu me entregava ao esquecimento. E se, depois de tudo isso, ainda me quiser, voltarei para casa e serei seu. Vá ajudar o frade a quebrar o que ainda resta.

REGINA — Está bem, irei. Mas não saia sem que eu o veja. Quero ainda falar com você. Promete?

JOÃO — Prometo. Estarei aqui, à sua espera. Mas quero contemplar as ruínas do jardim, para ter certeza de que estou seguro.

Sai REGINA. Trovões. Aparecem o CEGO e o GUIA. JOÃO está sobre a escadaria, de costas para o público, olhando o jardim.

GUIA — Você foi derrotado. Sua presa está ali de joelhos, rezando com remorso.

CEGO — E você acaso está menos derrotado do que eu? De quem foi o plano do jardim?

GUIA — Meu, mas ainda tenho esperanças. Para a terra. João não está perdido. Hei de voltar ao ataque e vencerei. Adeus, cego. Pode voltar a suas chamadas. Boa sorte de outra vez. *(Raio. Desaparece.)*

CEGO

Será que estou perdido? Tenho braços.
Que fazer? Vou matá-lo, pelo menos.
Eu hei de me vingar: hei de matá-lo!
Dê-me vista, meu rei, dê-me meus olhos!
Venham, forças do mal, baixem meu braço!
E que o sangue de João ensope a terra,

como um parto da sombra e da maldade
engendrado por mim no seu cavalo!

Enquanto recita, o CEGO vai se aproximando, tateando, da escadaria. Ele a sobe ao som de um tambor e, quando chega perto de JOÃO, dá-lhe uma cacetada com o cetro em forma de cobra. Trovões. Escuro. Quando se aclara, JOÃO está na sua velha casa, preparada como o aposento do paraíso. O presépio continua, mas há um trono vazio em frente dele. Iluminação diferente e enfeites cênicos; cantos em surdina. JOÃO está no chão, desmaiado.

JOÃO — Onde estou? Meu jardim desapareceu, desmoronou-se. Meu cavalo fugiu e sinto-me como se estivesse livre de novo. Onde estará Regina? Este canto faz meu coração se sentir jubiloso. Há quanto tempo eu não sentia paz! Ah, se eu tivesse ouvido meu pai! Começo a me lembrar melhor de tudo! Minha mãe está morta. Meu pai também. E eu? Que faço aqui perdido?

Entra o RETIRANTE.

RETIRANTE — Então você também chegou! É isso mesmo: termina tudo do mesmo jeito. Eu e você, um retirante e o grande príncipe sem medo.

JOÃO — Eu sou um carpinteiro, João da Cruz.

RETIRANTE — Um carpinteiro? E seu reino, o tesouro de poder que acumulou à custa de tantos crimes?

JOÃO

Meu reino que matava nas raízes
a fonte de meu sangue, a seiva, as águas,

desmoronou-se inteiramente, amigo.
Graças a Deus por isso: era maldito,
mutilei a minha alma em troca dele,
para dormir no sono do perigo.
Troquei-o por escuro esquecimento:
estive num jardim de sono e morte.
Mas quando ia sair de suas grades,
onde soavam cânticos mortais,
aconteceu alguma coisa estranha:
adormeci num poço de fagulhas
e acordei neste quarto e nesta paz.
Quem é você que me conhece tanto?

RETIRANTE — Um pobre retirante sertanejo, que fugiu da seca do sertão e de seu reino. Nunca pensei que ia encontrar aqui o grande João Sem Medo.

JOÃO — Agora carpinteiro João da Cruz.

RETIRANTE — É estranho, você agora está diferente: não me causa medo nenhum.

JOÃO — A calma que reina aqui me apaziguou. Estou achando tudo tão estranho! Principalmente o lugar. Parece a minha velha casa, mas está mudada!

RETIRANTE — Parece sua casa? Esquisito!

JOÃO — Esquisito por quê?

RETIRANTE — Porque parece com a minha, também. Desde que cheguei que penso nisso. Talvez seja por isso que eu me sinto tão bem aqui.

JOÃO — Eu também, se bem que esteja achando tudo muito estranho.

RETIRANTE — Isso passa. Logo que cheguei, também me senti assim. Agora estou melhor, como se tivesse morado sempre aqui e esse fosse o lugar de minha casa.

JOÃO — E faz tempo que você chegou?

RETIRANTE — Dois dias. Talvez hoje venha alguém para nos julgar.

JOÃO — Para nos julgar?

RETIRANTE — Sim, por que não? Aqui se faz um julgamento prévio, que os sinos podem confirmar ou não.

JOÃO — Não estou entendendo nada.

RETIRANTE — Não se incomode não, porque tudo se explica já.

JOÃO — Para que serve esse julgamento?

RETIRANTE — Ora para quê! Para decidirem se vamos lá para baixo ou ali para cima. Deve vir para cá um dos juízes que vão nos julgar. Se fomos justos lá na terra, o juiz nos absolve e espera o toque: se o sino bate, vamos para o céu. Mas se nós não prestamos...

JOÃO — O que é que acontece?

RETIRANTE — Você inda pergunta? Descemos por ali para o inferno.

JOÃO — Quer dizer que...

RETIRANTE — Que o quê?

JOÃO — Que eu estou morto?

RETIRANTE — E então? Estamos mortos. Você não disse que passou num poço de fagulhas?

JOÃO — Disse.

RETIRANTE — Deve ter sido aí. Eu morri na estrada, vendo zimbórios, sob o sol feroz, cúpulas de prata, muros de pedra e sede e tiros de fuzis imaginários, que seu reino criava para nós.

JOÃO — Quer dizer que você morreu na seca: fome e sede.

RETIRANTE — E o medo do seu reino não se esquece. *(Toque de clarim.)* Deve ser o juiz que vem chegando. *(Entra o PEREGRINO com o rosto coberto.)*

JOÃO — Valha-me Deus! Meu pai, você não morreu? Você é meu pai? Ou é alguém tão parecido que engana até meus olhos filiais?

PEREGRINO — Sim, você está enganado, João da Cruz. Não sou seu pai.

JOÃO — Quem é então?

PEREGRINO — Um dos juízes que julgam os que morreram.

JOÃO — Então é verdade que morri.

PEREGRINO — Não, você não morreu. Seu corpo está somente desmaiado, lá na terra. Você voltará para lá. Esta visão foi uma dádiva que Deus lhe fez para exemplo seu. Com ela, você terá uma ideia do julgamento que o espera quando morrer.

JOÃO — Mas para mim? Como foi possível?

PEREGRINO — Uma amiga sua mereceu isso, pela vida que levou. Foi pedido dela.

JOÃO — Regina.

PEREGRINO — Sim, Regina.

JOÃO — Quando eu chegar, vou agradecer a ela.

PEREGRINO — Você não a encontrará nunca mais.

JOÃO — É possível?

PEREGRINO — É não, é certo. E basta. Cuide de você.

JOÃO — Serei julgado agora?

PEREGRINO — Não, é cedo ainda. Você está vivo.

RETIRANTE — E eu?

PEREGRINO — Você morreu, será julgado agora.

Clarim. Entram o ANJO DA GUARDA e o ANJO CANTADOR.

JOÃO — Senhor frade! Que faz aqui vestido de anjo?

ANJO DA GUARDA — Sou seu anjo da guarda, João da Cruz. Eu me vestia de frade para que você pudesse suportar minha presença e para segui-lo melhor.

ANJO CANTADOR — Foi ele quem traçou aquele plano do romance da morte de Silvério, para que você despertasse do sono que ia levá-lo à perdição.

ANJO DA GUARDA — Também nisso Regina me ajudou.

JOÃO — Graças a Deus. E eu voltarei ao mundo?

PEREGRINO — Seu tempo não terminou. Você será ainda uma vez provado na terra.

JOÃO — Mas você fica comigo!

ANJO DA GUARDA — Fico, é claro. Mas você também precisa me ajudar.

JOÃO — Tenho medo. Sou tão fraco diante da tentação!

ANJO DA GUARDA — Agora você já tem mais experiência. Feche-se bem nos muros que Deus fez na sua Igreja. Ali você estará seguro contra tudo.

JOÃO — E meu pai? Posso vê-lo? Posso ver minha mãe?

PEREGRINO — Não, não pode.

JOÃO — Nem meu amigo Silvério, que me salvou a vida? Deixei que ele morresse, não foi? Posso vê-lo para lhe pedir perdão?

PEREGRINO — Também não, João da Cruz. É muito cedo. Quando você morrer, poderá, se for digno disso. Agora não.

ANJO DA GUARDA — Vamos voltar.

PEREGRINO — Esperem. Ouça, João: não se esqueça da paz que sentiu aqui. Por ali, os remidos seguirão para um roçado de vida e de luz pacificada. Não é um como você teve, feito de sono e de mortal esquecimento, é a água, a sombra, as árvores e Deus no meio delas. Volte, acredite no que eu digo, cumpra sua parte do contrato e será salvo, pois é o que Deus quer.

ANJO DA GUARDA — Olhe bem, João da Cruz. Olhou? Agora, vamos.

Clarim. Escuro. Desaparecem o ANJO DA GUARDA e JOÃO DA CRUZ.

RETIRANTE — O senhor não é o peregrino que encontrei naquela encruzilhada?

PEREGRINO — *(Descobrimo o rosto.)* Sou, sou eu. Sou o pai de João da Cruz.

RETIRANTE — E por que enganou seu filho?

PEREGRINO — Para que ele confie no julgamento como numa lei de justiça em que não há favor.

RETIRANTE — Talvez ele venha a ficar desesperado.

PEREGRINO — A missa lhe dirá claramente várias vezes. Deus é justo e por isso mesmo usará com ele de misericórdia.

RETIRANTE — A misericórdia! E eu, senhor?

PEREGRINO — Pode subir.

RETIRANTE — E o julgamento?

PEREGRINO — Eu já o conheço bem. Pode subir em paz. Se os sinos confirmarem o que eu penso, pode ficar aqui eternamente.

Sinos festivos. O RETIRANTE sobe para o céu, abraçado pelo PEREGRINO. Escuro. De novo a encruzilhada. JOÃO DA CRUZ desmaiado. O ANJO DA GUARDA, vestido de frade, com barba grisalha. JOÃO desperta. Está barbado também e veste a túnica dos peregrinos.

JOÃO — Ai! Senhor frade! Você também?

ANJO DA GUARDA — Eu também, João da Cruz. Devo guardá-lo.

JOÃO — É verdade. Sinto as pernas e as costas tão cansadas!

ANJO DA GUARDA — Não é cansaço não, João. Foi o tempo que passou.

JOÃO — O tempo? Eu só tenho vinte e poucos anos, senhor frade.

ANJO DA GUARDA — Você dormiu cinco anos, João da Cruz.

JOÃO — Meu Deus, o que é que quer dizer isto?

ANJO DA GUARDA — Da pancada que levou, até aqui, foram-se cinco anos. Deus quis abreviar sua jornada.

JOÃO — Grandes coisas faz Deus no céu e na terra! E agora? Quero voltar para casa e trabalhar.

ANJO DA GUARDA — Para quê, João? Você não conhece mais ninguém em Taperoá. Todos os seus amigos já morreram.

JOÃO — Todos?

ANJO DA GUARDA — Todos.

JOÃO — E Regina?

ANJO DA GUARDA — Também está morta. Morreu de desgosto, julgando você morto. E é preciso que você compense de certo modo todos os crimes que cometeu.

JOÃO — Que devo fazer, então?

ANJO DA GUARDA — Levá-lo-ei a um santo homem que vive numa serra da Espinhara. Você vai viver com ele. Aprenda com ele a viver humildemente e espere sua morte.

JOÃO — Quanto tempo?

ANJO DA GUARDA — Não posso lhe dizer, mas não está longe, João.

JOÃO — Então vamos à serra. E possa agora haver renúncia e amor, onde morava a sede do poder e da ambição.

Escuro. O GUIA aparece como DIRETOR.

GUIA

Então pegou o que tinha,
deu de esmola aos desgraçados
e disse: “Vou para os montes,
ver se purgo meus pecados,
para ver se um dia sou
um dos bem-aventurados.”

Ainda hoje cantam os cegos sertanejos a respeito de João da Cruz. Enquanto se prepara a gruta, vejam João da Cruz peregrinando pelos caminhos do sertão. O frade o acompanha. Foram os dois a Taperoá, venderam tudo o que João tinha e distribuíram o dinheiro com a pobreza. Agora chegam à serra pelada e pedregosa da Espinhara onde mora o eremita. E fico por aqui, pois agora todo o trabalho de meu partido está a meu cargo e devo estar preparado. Desvela-se a cortina da fumaça sertaneja e, em ritmo cada vez mais acelerado, o espetáculo caminha para seu fim.

Raio. Desaparece. A gruta do sertão, sem os tronos. Entram o
ANJO DA GUARDA e JOÃO DA CRUZ.

ANJO DA GUARDA — Chegamos! É aqui que vive o santo homem de quem lhe falei.

JOÃO — Que devo fazer aqui, perdido nesta serra, neste fim de mundo?

ANJO DA GUARDA — Você irá aprendendo aos poucos, à sua própria custa, mas aconselhado pelo velho. Lá vem ele.

Entra o EREMITA.

ANJO DA GUARDA — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

EREMITA — Louvado seja, para todo sempre. A quem procuram?

ANJO DA GUARDA — Ao senhor.

EREMITA — Posso ajudá-los em alguma coisa?

ANJO DA GUARDA — Se o senhor pudesse, gostaria de deixar meu amigo aqui. Ele renunciou a tudo, para procurar o caminho que leva à vida eterna. Quer ficar aqui, ouvindo e praticando o que o senhor pode lhe ensinar.

EREMITA — É sempre uma alegria receber-se qualquer hóspede. Os que nos pedem pouso são como bênçãos enviadas por Deus, para repartirem conosco as alegrias que ele nos dá. Um hóspede deve ser recebido como se fosse o próprio Cristo que nos batesse à porta. Seja pois bem-vindo. E João da Cruz também.

ANJO DA GUARDA — Só ele é quem fica. Eu vou-me embora.

JOÃO — Você vai me abandonar?

ANJO DA GUARDA — Isso é segredo. Adeus.

JOÃO — Deus o acompanhe. Você me ensinou a suportar os ásperos caminhos da pobreza. Adeus, meu anjo. Até a eternidade.

O ANJO DA GUARDA sai e volta, vestido de anjo, moço como sempre, invisível para os dois. Entra na gruta.

EREMITA — Pode sentar, a casa é sua.

JOÃO — Sentar-me? Onde?

EREMITA — Aqui no chão, no chão que Deus nos deu. É ele quem nos dá roçados, sementes, pasto para os animais, caminho para os rios e assento para os homens. E é ele quem, no fim, dá o abrigo mais seguro para aqueles que começam a se sentir cansados de andar no caminho estreito e duro.

JOÃO — É exatamente este o caminho que procuro. Como encontrá-lo?

EREMITA — Você deve começar pela coragem da renúncia.

JOÃO — Eu renunciei a tudo antes de vir para cá. À fortuna, ao triunfo, ao poder... Deixei tudo o que existia de bom, para vir para cá à sua procura.

EREMITA — Se você tivesse renunciado de bom grado, não chamaria bom ao que perdeu.

JOÃO — É verdade.

EREMITA — Não importa, o primeiro passo é o mais difícil e já foi dado.

JOÃO — Preciso viver só?

EREMITA — Não. Pelo contrário, com o espírito que você tem, o melhor é aprender a ter estima a todas as criaturas de Deus. Tudo é bom, tudo vive em paz, tudo é perfeito, se você põe seu Criador antes de tudo.

JOÃO — Prefiro assim. Sou fraco à tentação e assim poderemos estar sempre juntos, para que você me ajude.

EREMITA — Mas com o tipo de trabalho que adotamos aqui você terá que cultivar seu campo só.

JOÃO — Que adotaram? Há mais alguém aqui?

EREMITA — Há sim, aí vem ele.

O ANJO DA GUARDA aparece à entrada da gruta, fazendo gestos como se exortasse alguém a sair. Entra SILVÉRIO, de túnica e barba, como JOÃO.

SILVÉRIO — Que coisa estranha! Eu estava na gruta e, de repente, fui assim como que empurrado para fora.

EREMITA — Nada se perde: assim você pode receber e saudar o amigo que vai morar conosco.

SILVÉRIO — É este?

JOÃO — Sou eu. Meu nome é João da Cruz.

SILVÉRIO — João da Cruz? É possível?

JOÃO — Sou eu, sim. Quem é você?

SILVÉRIO — Eu sou Silvério.

JOÃO — Silvério! *(Abraçam-se, comovidos.)*

SILVÉRIO — João!

JOÃO — Então você não morreu, amigo?

SILVÉRIO — Não. Seu grito chegou a tempo. Fui somente ferido.

EREMITA — Ele se arrastou, sangrando, pela estrada. Abrigou-se afinal atrás de uma pedra, onde eu o encontrei gemendo e quase morto. Socorri-o como pude e trouxe-o para cá.

SILVÉRIO — Agora estou aqui, com este homem a quem devo a vida. Ele me convenceu a pagar todos os meus crimes. E eu tenho pago o que posso. É uma vida dura e trabalhosa, João, mas estou começando a me sentir em paz com meu coração.

JOÃO — Graças a Deus por nosso encontro. Quis procurá-lo por todo o sertão para lhe pedir perdão por minha covardia, na hora em que você precisou de mim. Mas pensei que era tarde e que você estava morto.

EREMITA — Então você já conhecia João da Cruz?

SILVÉRIO — Devo minha vida a ele.

JOÃO — E eu devo a minha a você, que me tirou da água. Estamos pagos.

EREMITA — Fiquem então à vontade. Eu volto já. *(Entra na gruta.)*

SILVÉRIO — Quanto tempo, João, desde que deixei Taperoá! Como viveu você durante esse tempo?

JOÃO — Consegui mais do que queria. E achava sempre pouco.

SILVÉRIO — Deu-se o mesmo comigo. Primeiro, quis vingar a morte de meus pais, por minhas próprias mãos. Depois tive vontade de me tornar famoso, para que todos soubessem que a morte deles tinha sido um crime monstruoso. Depois, já queria me tornar famoso, sem mais nada. E assim

fui caminhando até aquele ponto em que você me encontrou, na estrada, perseguido, coberto de sangue e de raiva como se tivesse voltado do inferno.

JOÃO — Da caverna de fogo, onde os raios penetram no sangue como um Fogo de desespero! Também estive nela muito tempo.

SILVÉRIO — Eu fui bandido, João, e você foi um dos poderosos na terra. Vamos então procurar agora, no deserto, aquilo que o poder não pôde dar.

JOÃO — Como vive o eremita? Rezando, somente?

SILVÉRIO — Não, rezando e trabalhando. Um dia viu em sonho um milharal enorme, no qual os retirantes vinham buscar milho. Agora nós trabalhamos aqui, para ver o sonho realizado. Rezamos e trabalhamos. Na última seca, já podemos atender a muitos famintos que vieram nos procurar. Nós juntamos aí na gruta todo o milho que colhemos, menos aquele de que precisamos para não morrer de fome. Hoje era o dia marcado para irmos cada um de nós ao lugar escolhido para a plantação deste ano. Você irá conosco?

JOÃO — Irei, se é disso que preciso.

SILVÉRIO — Cada um de nós plantará seu roçado e, acabada a safra, juntaremos aqui o milho para distribuí-lo pelos retirantes. Ele aí vem.

EREMITA — *(Entrando.)* Silvério já lhe disse o que tem a fazer?

JOÃO — Já. Preciso rezar e trabalhar no roçado de milho, para os retirantes.

EREMITA — Sim, mas espero que você não se esqueça: há um sentido nisso tudo. A obrigação que eu me impus, e impus a vocês também, significa que nossa renúncia não tem sentido negativo. E é preciso que o deserto

frutifique no sol, como um roçado. É isso que nossas obrigações significam. Silvério, traga o milho. (*SILVÉRIO entra na gruta.*)

EREMITA — A noite cobre tudo com seu manto.

JOÃO — Aqui existe um pouco daquela paz que só senti uma vez.

EREMITA — As estrelas envolvem a terra de doçura como se fossem uma bênção e uma compensação ao sol. Parecem prometer a paz futura.

Volta SILVÉRIO com três mochilas de milho.

SILVÉRIO — Eis aqui o milho, meus irmãos.

EREMITA — É tempo de partir. Vamos juntos. Depois, cada um de nós deve escolher seu caminho e seu lugar. Arrancado o milho, devemos voltar para cá e quem chegar primeiro espera os outros. É tempo de partir e semear.

Saem com o milho. O GUIA aparece, cerra a cortina da gruta e se dirige ao público.

GUIA — E lá se foram eles, cada um para seu roçado. Muitos dias se passaram e os três perseveraram no trabalho. Enfim, hoje estão de volta e já se regozijam com o resultado da colheita e a esperança do encontro. Acontece, porém, que durante esses dias, eu achei João. Marquei bem o lugar de seu trabalho. Vi-o curvado sobre a terra, que ele ama, como todo sertanejo. E foi com ela que me peguei para atraí-lo. Aprendi a distingui-lo pela túnica e pela barba, e agora espero-o aqui. Os dias se passaram e o ano terminou. É noite de Natal. E aí vem ele. Desvele-se a cortina da gruta do sertão e, com mais um ano passado no palco, o espetáculo cresce em

ritmo para atingir o cume, de acordo com a regra e meu desejo. E aí vem João.

Entra SILVÉRIO com um saco às costas.

SILVÉRIO — Desejo-lhe saúde e paz, meu filho!

GUIA — O mesmo lhe desejo, João da Cruz.

SILVÉRIO — Ah, você está enganado, eu sou Silvério. João da Cruz deve vir por aí. Você o conhece?

GUIA — Muito, sou um grande amigo dele.

SILVÉRIO — Espere um pouco. Vou guardar esse milho. *(Olha em torno.)* Há qualquer coisa esquisita, aqui. Parece que até a luz está diferente! *(Entra na gruta.)*

GUIA — *(Rindo.)* Então vocês estão guardando milho! Pode-se dar um jeito nisso. Mas se o eremita chegar, estou perdido, ele me conhece mais do que eu mesmo. O melhor que tenho a fazer é me disfarçar. Assim não há perigo de João da Cruz me reconhecer, no caso de ele ainda se lembrar de tudo. E para isso, nada melhor do que as barbas e o hábito de frade.

Raio. Desaparece. SILVÉRIO volta.

SILVÉRIO — Agora está tudo como antes. Parece que voltou a paz antiga. Que coisa esquisita, aquilo que senti! Talvez fosse o cansaço. Mas onde está o moço? Com certeza saiu para encontrar João.

Entra JOÃO DA CRUZ com um saco.

JOÃO — Saúde, irmão.

SILVÉRIO — Que Deus seja louvado. Esteve um rapaz aqui à sua procura.

JOÃO — Um rapaz?

SILVÉRIO — Sim, e bem mocinho ainda.

JOÃO — Estranho, isso. Os únicos amigos que me restam são vocês. Os outros já morreram há muito tempo. Para onde foi ele?

SILVÉRIO — Pensei que tinha ido a seu encontro.

JOÃO — Não vi ninguém. Nem o eremita. É o último a chegar.

SILVÉRIO — Mas você há de ver que a colheita maior é a dele. Vou esperá-lo na encruzilhada. *(Sai.)*

Raio. Aparece o GUIA disfarçado de frade, com barbas.

GUIA — Saúde, João da Cruz.

JOÃO — Então é você, meu anjo? Há quanto tempo eu não o via. *(Abraça-o, mas parece sentir qualquer coisa e se afasta levemente intrigado.)*

GUIA — Anjo?

JOÃO — Você não é o meu anjo da guarda?

GUIA — Anjo da guarda... Sim, sou, é claro! Vim tomar conta de você.

JOÃO — Noto as coisas um tanto diferentes. Sinto-me inquieto como nos velhos tempos. Que será isso?

GUIA — Nada, isso é cansaço. Você trabalhou muito.

JOÃO — É verdade. Você viu?

GUIA — Eu não o deixei um só instante. Lembro-me bem de você no roçado, trabalhando na terra cheirosa do sertão. O que é que você traz aí no saco?

JOÃO — Milho. Milho dourado e graúdo, doado pela terra em troca de meu trabalho.

GUIA

Eu sei como é que o milho sai da terra:
a semente conduz na própria carne
o gosto de crescer até o fim.
E vira planta. Traz-nos o desejo
de plantar, de colher cada vez mais.
Não sente esse desejo?

JOÃO

Sinto sim.
Amo a terra, o roçado e o milharal,
que balança os pendões ao vento fresco,
a partilha do vinho, o sangue e o sol.

GUIA — Pois é preciso amá-los por si mesmos, como fruto da terra e só da terra. Nisso tudo, só vejo um perigo, é o sol matar os pés mais novos. Você não tem medo deste sol? Trabalha-se um ano inteiro, limpa-se o mato, faz-se a plantação, e as pobres sementes morrem de sede, na terra quente, porque o sol é impiedoso no sertão, não é?

JOÃO — É, é uma coisa terrível. Todo o meu sangue estremece a esta ameaça.

GUIA — E o sol está subindo. A essa hora, os pés mais novos do seu milho devem estar secando.

JOÃO — Não!

GUIA — É verdade, João, o sol vai destruir o seu roçado! Corra para lá! Se você for logo, pode levar água da barragem e salvar a maior parte.

JOÃO — O sol destruirá os meus roçados!

GUIA — Se você não os acudir logo. Vá!

JOÃO — Mas os outros?

GUIA — Que têm eles?

JOÃO — Prometi esperá-los. Que fazer? Que farei?

GUIA — Eles podem cuidar da colheita sós, como sempre fizeram.

JOÃO — Mas dei minha palavra.

GUIA — Então fique. Fique e veja seu roçado se acabar, por falta de ajuda! Mas era tempo, ainda. Se você fosse agora, ainda poderia salvar quase tudo, quase tudo que é seu e de mais ninguém.

JOÃO — Eu vou. Diga aos outros que já volto. *(Sai correndo.)*

Um tambor soa, como nos circos indicando perigo.

GUIA — Vá, João da Cruz, corra! Agora, amando desse modo o seu roçado, meu trabalho está feito. Venci sua piedade, desgraçado! *(Enquanto fala, tira a túnica de frade e as barbas. SILVÉRIO volta, correndo.)*

SILVÉRIO — Que foi que você fez de João da Cruz?

GUIA — *(Rindo.)* João danou-se! E esse milho que você juntou, vou destruí-lo, vou espalhá-lo na terra, como barro.

SILVÉRIO — Ah, maldito! Bem que eu pressenti alguma coisa. Agora sei de tudo. Onde está João? *(Investe para o GUIA.)*

GUIA — Afaste-se, senão morre! Tenho força para isso, se bem que não posso enganá-lo! Não venha, que eu o mato!

Entram na gruta, lutando. Um grito. Um toque de sino e o GUIA sai de costas, recuando da gruta, cobrindo o rosto com o braço. Raio. Desaparece. O ANJO DA GUARDA sai da gruta, correndo; veste o hábito do frade e põe as barbas deixadas pelo GUIA. Entra o EREMITA com um saco às costas.

ANJO DA GUARDA — Depressa, que Silvério está morrendo!

O EREMITA entra na gruta. Um grito e JOÃO DA CRUZ aparece, como o GUIA na cena anterior, cobrindo o rosto com o braço, de costas para a cena, com a túnica rasgada e suja.

ANJO DA GUARDA — Insensato! Que foi que você fez?

JOÃO — Deixei que o amor à terra escurecesse tudo aquilo que devia vir primeiro!

ANJO DA GUARDA — Mas como, João da Cruz? Como é que você pôde fazer isso? Depois de tanto tempo, quando tudo ia tão bem!

JOÃO — Fiquei com medo de perder meus roçados e abandonei tudo, sem me lembrar de que eles não pertenciam a mim, nem a Silvério, e nem mesmo ao eremita, mas a Deus que os criou e que criou a mim também!

ANJO DA GUARDA — Está sentindo alguma coisa? O que é que você tem nos olhos?

JOÃO — Vi a majestade de um dos anjos de Deus em sua glória. Eu cheguei ao roçado e comecei a correr o milharal, para verificar o que perdera. O cheiro da terra e do mato foi tomando conta de meu sangue, como se eu fosse enlouquecer. Então eu me deitei na terra, para abraçá-la. Nesse momento, uma espada vermelha se abateu sobre o baixio que eu tinha cultivado e tudo destruiu. A luz brilhante cegou meus olhos.

ANJO DA GUARDA — Coitado, coitado do meu João! Sua cabeça está sangrando!

JOÃO — Tropecei na terra, quando corria, para fugir ao fogo. Senti que minha cabeça tinha batido numa pedra e desmaiei. Sinto-me muito fraco, parece que minha hora chegou. Onde estão meus irmãos?

ANJO DA GUARDA — Na gruta. Silvério está ferido.

JOÃO — Ele também? Deve ter sigo o guia.

ANJO DA GUARDA — Foi.

JOÃO — E vai morrer?

EREMITA — *(Voltando da gruta.)* Já morreu, João da Cruz. Silvério acaba de morrer.

JOÃO — Eu logo o seguirei. Mas ele morreu por minha causa e desta vez é certo, pois fui eu que permiti a entrada daquele que o matou. Má fortuna, a minha, má fortuna, filha de minhas paixões e que aniquila todos aqueles que se aproximam de mim! Sinto a morte chegar, meu santo velho. Levem-me para a gruta. Quero ver meu amigo Silvério pela última vez aqui na terra. Não com meus olhos cegos, destroçados, mas com a visão eterna que só o amor e a amizade podem dar! *(Entra na gruta, amparado pelo EREMITA.)*

ANJO DA GUARDA — Vá, João da Cruz! Morreu Silvério e você o seguirá. Minha missão terminou, quanto a você! Mas devo ainda depor no julgamento. João da Cruz e Silvério serão julgados hoje. E eu sou seu anjo, guarda e fundamento. *(Para o EREMITA, que vem entrando.)* Então?

EREMITA — Morreu. Morreu junto de Silvério. Que Deus se compadeça de sua alma. Em breve chegará a minha vez. Queira Deus que não demore muito, pois já estou começando a me sentir cansado e saudosos. Saudoso desse lugar, onde João da Cruz e Silvério devem estar chegando agora.

ANJO DA GUARDA — Pois adeus. Que Deus esteja com você. Eu vou. Vou depor, como guarda e fundamento. Minha missão na terra terminou.

Escuro. O GUIA entra e se dirige ao público, depois de correr a cortina da gruta.

GUIA — A missão dele terminou e a minha também. Só posso agora ficar à espera. Minha luta é contra a ressurreição da carne. Se o julgamento for favorável a João, seu corpo ressuscitará. Se não, a corrupção será meu

prêmio, a podridão permanente que lhe dará a cada instante a sensação e a angústia de morte. Então sua carne será mais minha do que nunca o foi. E o cego terá aquilo com que sempre sonhou, a alma de João, eterna e manchada. Mas não posso mais intervir no julgamento. É ficar e esperar. Desvela-se a cortina do aposento que vocês já conhecem e o espetáculo continua, com o julgamento de João e de Silvério.

Descerra a cortina da casa de JOÃO, com o presépio e preparada como o aposento do céu. SILVÉRIO, moço como antes da cena da gruta, está deitado no chão e vai despertando aos poucos. Entra o RETIRANTE, vestido de alguma maneira que mostre sua nova qualidade de bem-aventurado.

SILVÉRIO — Onde estou?

RETIRANTE — Você logo o saberá. Vim ajudá-lo.

SILVÉRIO — Senti-me de repente transportado... Não sei por onde. Tinha a impressão de que estava vendo as estrelas de perto. Mas era tudo tão difícil de precisar! Vi fontes, urnas de pedra por onde a água corria. Mas eram coisas como nunca tinha visto, como bronze esculpido no deserto.

RETIRANTE — Talvez você tenha visto tudo isso, quando vinha para cá.

SILVÉRIO — Que foi que aconteceu?

RETIRANTE — Você morreu, amigo.

SILVÉRIO — Então foi isso! E que vim fazer aqui?

RETIRANTE — Esperar seu julgamento.

SILVÉRIO — Esperar com paciência. Aprendi isso, nas esperas do sertão. Sempre soube ficar atrás de uma pedra, no sol, à espera de um soldado que passasse. Saber esperar foi sempre qualidade de Silvério.

RETIRANTE — Silvério, o cangaceiro? Você é Silvério, a quem chamavam de Fuzil de Prata?

SILVÉRIO — Sim, sou Silvério, o Fuzil de Prata, que corria as estradas do sertão. A todas percorri, levando a morte que conduzia, escondida na prata do fuzil. Até que a morte me ameaçou na encruzilhada e o sertão conheceu outro Silvério, magoado, solitário e arrependido.

Escuro. Clarão, e JOÃO DA CRUZ cai ao chão. Sobe a luz, mas SILVÉRIO não parece ter se apercebido de nada. O RETIRANTE reanima JOÃO.

RETIRANTE — Acorde, acorde, João da Cruz.

JOÃO — *(Erguendo-se.)* Aqui de novo. Será desmaio?

RETIRANTE — Não, agora você morreu mesmo.

JOÃO avista SILVÉRIO, que tem ficado à parte, e corre para ele, ajoelhando-se a seus pés.

JOÃO — Silvério, meu amigo, quero lhe pedir perdão. Causei sua morte e dessa vez foi sem retorno! Perdoe este louco que se chama João da Cruz!

RETIRANTE — Não adianta, João, ele não o ouve mais.

JOÃO — Por quê?

RETIRANTE — Você teve culpa na morte de Silvério e ele vai ser testemunha no seu julgamento.

SILVÉRIO — Sinto-me bem, aqui. Mas queria saber alguma notícia de meus dois companheiros que deixei na terra.

JOÃO — Mas eu ouço o que ele diz! Silvério, Silvério!

RETIRANTE — Não adianta gritar. Você o ouve porque ele nada teve a ver com sua morte, mas ele não ouve seus gritos. *(Toque de clarim.)* Aí vem o juiz que vai julgá-lo. *(Entram REGINA e o ANJO CANTADOR.)*

JOÃO — Regina! Até que enfim!

REGINA — Até que enfim, João da Cruz!

JOÃO — Você é quem vai me julgar?

REGINA — Não, vou fazer sua defesa.

ANJO CANTADOR — Defesa! *(REGINA senta-se em seu lugar.)*

ANJO CANTADOR — Acusação! *(Raio e entra o CEGO, ficando em seu lugar.)*
Juiz! *(Entra o PEREGRINO com o rosto coberto.)*

JOÃO — Senhor! Lembro-me bem de quando estive aqui. Já o conheço, o senhor é aquele que me ajudou e que pensei que era meu pai.

PEREGRINO — Eu também o conheço, João da Cruz. Também estou lembrado. Vocês serão julgados agora, Silvério primeiro e João depois. *(Senta-se em seu lugar.)* Começa o julgamento de Silvério.

REGINA — Peço-lhe que me ajude, cantando a vida de Silvério e de João da Cruz.

ANJO CANTADOR — Pois não.

CEGO — Mas eu estarei aqui para corrigir o que for deixado de lado ou estiver errado.

PEREGRINO — É justo. Podem começar.

ANJO CANTADOR

Silvério era natural
do sertão da Espinhara.

CEGO

Foi cangaceiro famoso,
trazia a morte na cara.

ANJO CANTADOR

Para isso foi levado,
pois um homem desalmado
seu pai e mãe matara.

CEGO

Seu nome como assassino
foi temido, foi famoso.

ANJO CANTADOR

Salvou o amigo da morte,
num rio cheio e raivoso.

CEGO

E tornou-se cangaceiro.
Salvou este companheiro
por achar o feito honroso.

ANJO CANTADOR

Cercado pela polícia,
viveu pobre e perseguido.

CEGO

Muito mais perseguiu ele,
como um cachorro mordido.

ANJO CANTADOR

Mas chegou ao que era certo,
sofreu muito no deserto
e morreu arrependido.

PEREGRINO — Está certa a história?

SILVÉRIO — Está, senhor.

PEREGRINO — Veja o que diz, ela será a base de seu julgamento.

SILVÉRIO — Está certa, senhor. Tanto quanto eu posso ver, esse é meu retrato.

PEREGRINO — Está bem.

REGINA — Mas seja compassivo com Silvério. A terra do sertão é muito dura e duros são os homens que ali vivem, sob o sol forte e entre aquelas pedras que parecem gritos de agonia ou enormes animais emudecidos pela morte!

PEREGRINO — Silvério está julgado.

REGINA — Diga então qual foi a sentença.

PEREGRINO — É preciso julgar o amigo ingrato. Depois direi se foram condenados. João da Cruz, agora é sua vez.

JOÃO — Todos conhecem já a minha história. Para que repeti-la? Julgue logo!

REGINA — É triste a sua história, João da Cruz. Você sofreu muito!

CEGO — E foi causador de muitos sofrimentos, lá na terra. Exijo o julgamento e as testemunhas.

PEREGRINO — É justo. Eis que chega a primeira.

Toque de sino. Entra a MÃE, com manto azul e estrelas. JOÃO corre para ela.

JOÃO — Minha mãe! Sou eu!

RETIRANTE — Não adianta, ela não ouve. É também testemunha em sua história.

PEREGRINO — O que é que você diz de seu filho João da Cruz?

MÃE — Deixou-me numa noite de Natal.

PEREGRINO — É a única coisa de que o acusa?

MÃE — Eu não o acuso de nada. É o que estava mais gravado em minha carne, que espera, na terra, a ressurreição dos mortos.

PEREGRINO — Ele causou sua morte?

MÃE — Sofri muito com sua partida, mas não sei se morri por causa dele.

CEGO — Bem poderia ter morrido. Ele consentiu na morte de sua mulher, em meu reinado.

MÃE — Nunca estive no reino da cegueira.

CEGO — Mas não importa, o mandamento foi transgredido.

REGINA — Se o caso fosse como ele insinua, teriam sido transgredidos dois, em vez de um.

PEREGRINO — Só um pode lhe ser imputado.

MÃE — Do mal que a mim causou, meu filho se arrependeu. Tive a certeza disso, depois que aqui cheguei.

JOÃO corre para ela e, ajoelhado, chora a seus pés. Mas a MÃE não o vê.

REGINA — Dessa falta está livre, João da Cruz.

PEREGRINO — *(Descobrimo o rosto.)* Eu mesmo testemunha sou, agora. Sou o pai de João da Cruz.

JOÃO — Bem que eu o sentia. Meu pai!

RETIRANTE — Também não ouve mais. Agora é testemunha.

PEREGRINO

Morri esperando João da Cruz na tenda.
A ambição do poder, do mando e glória,
os dourados clarins da tentação,
o amor da carne e o sopro das trombetas,
faziam João odiar nossa pobreza,
e as ásperas madeiras do sertão.

REGINA — Mas deve conduzir-se com justiça.

PEREGRINO — É verdade e eu o sei. João quis voltar.

REGINA — Dessa falta você também está livre. Pois quis à velha casa regressar.

PEREGRINO — E agora você, Silvério. Que diz de João da Cruz?

SILVÉRIO

Nada posso dizer. Gosto de João.
Sempre foi meu amigo e, se foi fraco,
quem pode atirar pedras, lá no mundo?
Salvei-lhe a vida. E ele me salvou,
com um grito, da morte e da volante.
Perdeu, por causa disso, grande parte
do poder que juntou, turvo e profundo.
Depois foi meu irmão no meu trabalho.
Se foi culpado ou não de minha morte,
não sei. Como não sei se arrependido
ficou de ter amado tanto a terra.
Não assisti seus últimos instantes:
já vinha percorrendo outras paragens,
num carro de ouro e fogo chamejante.

PEREGRINO — De que morreu Silvério?

CEGO — Assassinado. Meu guia assassinou-o em sua gruta.

REGINA — É mentira. Essa luta de Silvério foi somente figura do desgosto que ele sentiu, ao ver o sentido de seu trabalho se desviar inteiramente pela deserção de João da Cruz. O crime é menos grave.

*Aqui soa um tambor e o CEGO se põe de pé, para a acusação final.
O encenador deve dar grande ênfase a esse trecho, se lhe for possível.*

CEGO

Minha hora chegou. Mortos, ajudem-me!
Todos aqueles a quem João pisou,
ressentidos, sedentos e danados!
Não se chega ao poder daquele modo
sem que o sangue goteje na coroa.
Eu os conjuro, ó mortos condenados!

JOÃO — Que visão pavorosa! Estou perdido!

CEGO

Tenho direito a João que se vendeu
e a quem meu sangue agora amaldiçoa!
Tenho direito a João que se vendeu
em troca desse sangue e da coroa!

REGINA — João renunciou ao poder, à glória, a tudo, para salvar o amigo. E deixou tudo isso, depois, para procurar, na gruta, o caminho do arrependimento. Afaste-se daqui, cego maldito! E que o juiz liberte João das chamas imortais desse tormento!

PEREGRINO — Não posso me decidir agora. O ponto essencial da questão não foi resolvido, pois não sabemos como João morreu.

REGINA — Ninguém viu João da Cruz morrer no mundo? Anjo cantor!

ANJO CANTADOR — Eu não.

REGINA — Nem você?

RETIRANTE — Nem eu.

REGINA

É possível? Não há uma testemunha?
Ó surja, amigo oculto, e salve João.
Eu conjuro as celestes potestades,
conjuro os tronos e as dominações!
Ouçam o apelo de quem ama e sofre
e devolvam-me a vida de meu João!

↓ Toque de clarim. Entra o ANJO DA GUARDA.

ANJO DA GUARDA — Eu sei como morreu seu filho, pai.

REGINA — Então fale. João da Cruz se arrependeu?

ANJO DA GUARDA — Arrependeu-se. E morreu dizendo: “Saí de casa numa noite de Natal, talvez seja remido no Natal!” *(Aqui descerra violentamente a cortina do presépio e todos se ajoelham.)*

CEGO — *(Grande grito.)* Ai! Meus olhos morreram novamente! *(Raio. Desaparece.)*

Canta-se uma Aleluia e a Mãe corre para João.

Mãe

Ah, João da Cruz, meu filho! Enfim chegou,
chegou, à sua casa e ao seu portal.
Eis seu presépio. É dádiva de Deus.
Seu pai guardou-o para o seu Natal.

Peregrino

Venha, meu filho. Venham todos dois.
A história de vocês é muito triste;
é cheia de vergonha e confusão,
suja, mesquinha, errada e sem grandeza,
como qualquer história sobre a carne.
Mas vocês combateram contra o sangue
e maior que o pecado é a redenção.

Regina

E eu encontro afinal meu pobre João.
Tanto que o amei na terra e nunca pude
amá-lo em paz perfeita e em coração.
Mas essa sarça turva aqui se aclara
no fogo apaziguado e na canção.
Aqui se pode amar na sombra calma,
pois maior que o pecado é a redenção.

Peregrino

É preciso porém que os sinos toquem,
confirmando a sentença que firmei.

Todos

Ó sinos de ouro e fogo do Natal!
Ó pássaros dourados do verão!
Em nome do Menino que nasceu
repiquem no seu canto a remissão,

pois se a carne é manchada e sempre escura,
bem maior que o pecado é a redenção!

*Soam sinos festivos. Sobem todos para o céu, numa cena de amor
reconciliado e, quando a música soa, fenece o presente Auto.*

PANO.

